



# CSH

Conselho de Segurança Histórico

## TEMA:

A Guerra de Kosovo: Os conflitos étnico-territoriais e o direito de autodeterminação.



VII ONU  
COLEGIAL

## Sumário

<b>1. Carta de apresentação.....</b>	<b>3</b>
<b>2. Sobre a simulação.....</b>	<b>5</b>
<b>3. Sobre a ONU.....</b>	<b>7</b>
<b>4. Sobre o comitê.....</b>	<b>10</b>
<b>5. Conceitos e Termos.....</b>	<b>12</b>
<b>6. Histórico do tema.....</b>	<b>20</b>
<b>7. Definição do problema.....</b>	<b>44</b>
<b>8. Posicionamento do jornal.....</b>	<b>47</b>
<b>9. Panorama dos países.....</b>	<b>49</b>
<b>10. Considerações Finais.....</b>	<b>70</b>
<b>11. Referências.....</b>	<b>72</b>

## **1. Carta de apresentação**

Prezados Delegados e Delegadas,

Primeiramente, sejam oficialmente bem-vindos à VII ONU Colegial! Após um processo corrido de apresentação, preparação e argumentação das entrevistas, imaginamos que seja um alívio e enorme gratificação finalmente estar aqui. É com grande prazer e satisfação que a mesa diretora do Conselho de Segurança das Nações Unidas Histórico lhes dá as boas-vindas a esta notável experiência que iremos construir juntos.

Nessa edição, nós teremos a honra e prazer de poder orientá-los e acompanhá-los na pesquisa e aprofundamento do tema com o qual irão trabalhar ao longo do ano, "A Guerra de Kosovo". Será uma oportunidade única de examinar e se detalhar em uma temática tão importante e que deixa rastros até hoje na história mundial, é de suma importância para o engrandecimento estudantil, pessoal, moral e, acima de tudo, humano de cada um de vocês. Será uma experiência que vai exigir bastante de vocês, oratória, conteúdo, pesquisa, escrita, diálogo, persistência e, principalmente, o comprometimento. Para tudo isso e o que mais precisarem, nós da mesa diretora nos prontificamos para ajudá-los da melhor maneira possível.

É o momento de colocarem em prática todos os conhecimentos adquiridos sobre pesquisa, escrita e formação de alianças (ou influência, se preferirem). Também é a hora de superar a timidez e aplicar todas as estratégias que apresentaremos durante nossas oficinas e encontros oficiais.

No entanto, a recomendação mais importante é: divirtam-se! Este projeto, além de todos os outros benefícios, é uma oportunidade incrível para fazer novas amizades, viver momentos engraçados e memoráveis, aprender coisas novas e criar laços que vão muito além do cronograma tradicional de provas, trabalhos e seminários. Este projeto é único e é construído não apenas pelos diretores, secretários e conselheiros, mas

principalmente por vocês, que fazem a simulação acontecer de verdade. Portanto, vivam e aproveitem cada momento desta experiência.

Esperamos que se divirtam e sintam-se à vontade para tirar qualquer dúvida conosco.

Atenciosamente,

Gabriela Pinheiro, Nuno Vitale, Leonardo Lacerda e Clara Gitirana.

## **2. Sobre a simulação**

A simulação da Organização das Nações Unidas fomenta um desenvolvimento plural e ultrapassa a esfera acadêmica ao contribuir na formação interdisciplinar dos participantes. De maneira ampla e múltipla, o protagonismo estudantil é fortalecido, em conjunto com o estudo geopolítico, o debate humanitário e a consolidação da criticidade. Assim, essa experiência contribui para uma significativa expansão dos horizontes de aprendizagem, ajudando o aluno a ter uma postura de cidadão global frente aos desafios contemporâneos.

A partir desses fundamentos, a ONU Colegial – simulação das Nações Unidas do Colégio Antônio Vieira (Salvador – BA) - busca, desde 2018, proporcionar para os vieirenses o senso de comunidade e a aprendizagem sobre temáticas de escala global. Neste ano, nossa expectativa é promover uma discussão frutífera em um espaço seguro, com a construção de habilidades ímpares e a composição de medidas resolutivas para obstáculos que ultrapassam as fronteiras nacionais.

Partindo do caráter interpessoal do processo, vale ressaltar que o projeto também ocorre em uma significativa parcela das escolas pertencentes a Rede Jesuíta de Educação. Outrossim, a cada dois anos, é realizado um encontro entre as instituições de ensino da RJE de todo o Brasil para realização de uma simulação caracterizada pelo intercâmbio, pluralidade e inovação. Esse ano, a III ONU Intercolegial foi sediada pelo Colégio Antônio Vieira e, indubitavelmente, fortaleceu nossa ONU Colegial com o fluxo cultural, o senso de comunidade e a dinâmica colaborativa.

Ademais, a ONU Colegial possui uma dedicada e consolidada rede de apoio que busca construir a melhor experiência para os membros do projeto – seja staff, imprensa ou delegado – e da comunidade vieirense. Dessa forma, a Comissão Organizadora da sétima edição - formada pelos ex-alunos e alunos do CAV - deseja construir cada etapa dessa trajetória de maneira única e acurada. O valioso processo preparatório é o primeiro

passo dessa caminhada, marcado pelo carinhoso acompanhamento dos comitês que, gradualmente, se tornam um ambiente acolhedor e culminam em quatro dias de intenso debate e cooperação.

Em 2024, a VII ONU Colegial conta com seis comitês (incluindo históricos, nacional e um inédito com delegações em dupla), seis jornais e um aplicado apoio logístico de staffs. Estamos muito contentes com o interesse e empenho dedicados ao projeto e desejamos que todos os envolvidos aproveitem o evento e, ao final da trajetória, possam buscar na memória novos conhecimentos, competências e recordações afetuosas marcadas por vínculos de companheirismo.

Esperamos que tenham uma vivência única e contem sempre com nosso apoio!

Atenciosamente,

Bernardo Palma e Iasmin Teixeira

Secretários-gerais da VII ONU Colegial

### 3. Sobre a ONU



A Organização das Nações Unidas (ONU), ou simplesmente Nações Unidas (NU), é uma organização internacional cujo objetivo declarado é facilitar a cooperação em matéria de direito internacional, segurança internacional, desenvolvimento econômico, progresso social, Direitos Humanos e a realização da paz mundial.

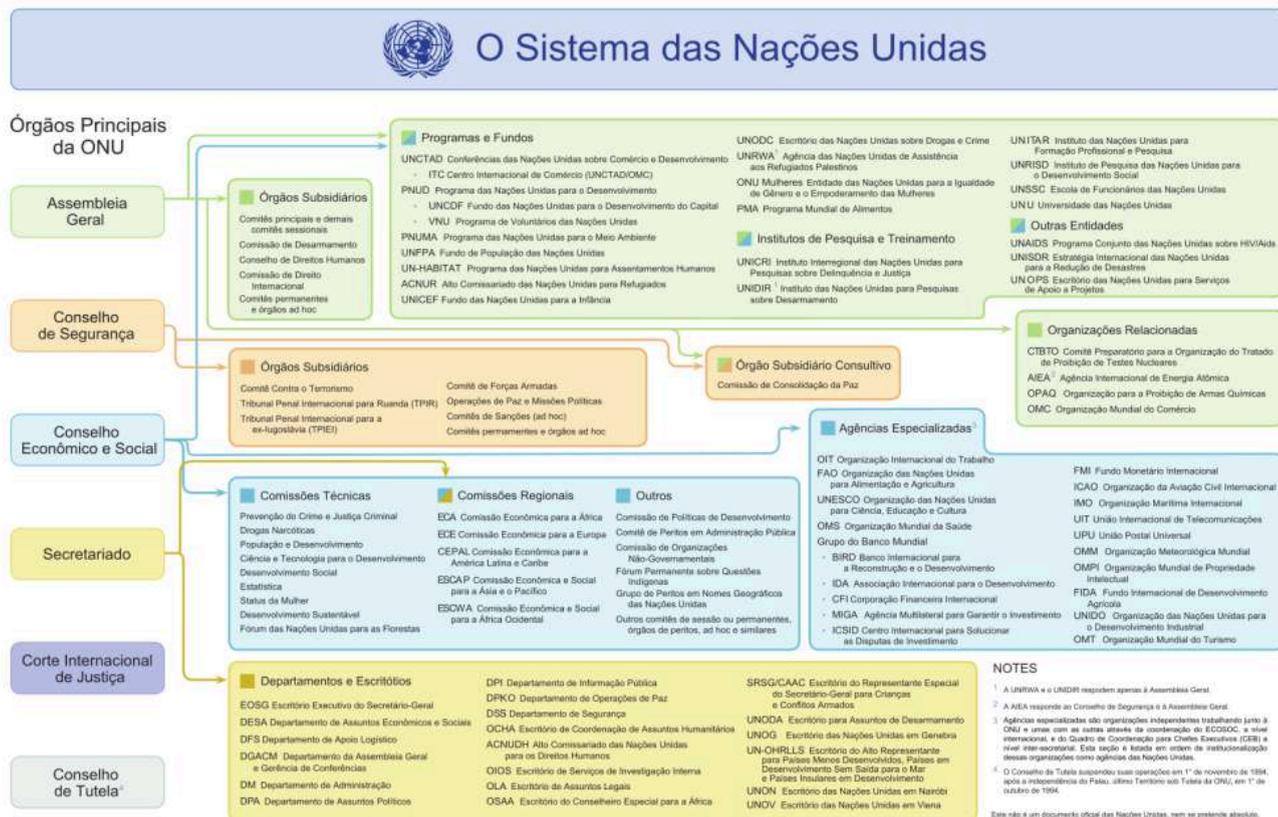
A ONU foi fundada em 1945, após a Segunda Guerra Mundial, para substituir a Liga das Nações, com o objetivo de deter a guerra entre países e fornecer uma plataforma para o diálogo. Ela contém várias organizações subsidiárias para realizar suas missões. Existem, atualmente, 193 países-membros, incluindo quase todos os Estados soberanos do mundo.

De seus escritórios em todo o mundo, a ONU e suas agências especializadas decidem sobre questões específicas ou administrativas em reuniões regulares ao longo do ano.

A figura mais destacada da ONU é o secretário-geral, cargo ocupado desde 2017 por António Guterres, de origem portuguesa. A organização é financiada por contribuições fixas e voluntárias dos Estados-membros, além de possuir seis línguas oficiais: árabe, chinês, inglês, francês, russo e espanhol.

A organização está dividida em instâncias administrativas, marcadamente pelos seus seis órgãos principais: Assembleia Geral (AGNU), Conselho de Segurança (CSNU), Conselho Econômico e Social

(ECOSOC), Conselho de Tutela, Corte Internacional de Justiça (CIJ) e Secretariado. Ademais, cada órgão ramifica-se em outros órgãos subsidiários, que compreendem fundos, programas e agências especializadas, cada um dos quais com a sua própria área de trabalho, liderança e orçamento, fomentando o sistema das Nações Unidas.



<https://infoonu.wordpress.com/2012/11/12/programas-fundos-e-agencias-especializadas/>

A ONU coordena o seu trabalho com estas entidades distintas do sistema da ONU, que cooperam com a Organização para ajudá-la a atingir os seus objetivos.

Além de seus órgãos próprios, a ONU conta com a colaboração de organismos regionais, como previsto no art. 52 Capítulo VIII da Carta das Nações Unidas, sendo a Organização dos Estados Americanos (OEA), a União Europeia (UE) e a União Africana (UA) alguns dos exemplos:

*Artigo 52:*

- 1. Nada na presente Carta impede a existência de acordos ou de organismos regionais, destinados a tratar dos assuntos relativos à manutenção da paz e da segurança internacionais que forem suscetíveis de uma ação regional, desde que tais acordos ou entidades regionais e suas atividades sejam compatíveis com os propósitos e princípios das Nações Unidas.*
- 2. Os membros das Nações Unidas, que forem parte em tais acordos ou que constituírem tais entidades, empregarão todos os esforços para chegar a uma solução pacífica das controvérsias locais por meio desses acordos e entidades regionais, antes de submetê-las ao Conselho de Segurança.*
- 3. O Conselho de Segurança estimulará o desenvolvimento da solução pacífica de controvérsias locais mediante os referidos acordos ou entidades regionais, por iniciativa dos Estados interessados ou a instância do próprio Conselho de Segurança.*

## **4. Sobre o comitê**

### **4.1. Introdução**

O Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU) consiste em um dos seis principais órgãos da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo central é a manutenção da paz e da segurança mundiais, conforme o Capítulo V, Artigo 24, da Carta das Nações Unidas, de modo a poder ser convocado a partir de qualquer ameaça. Uma das características fundamentais do comitê corresponde ao caráter mandatário, ou seja, diferentemente dos outros órgãos da ONU, o CSNU, além de sugerir intervenções, pode determiná-las com coercibilidade. Desse modo, a depender do nível de concretização da ameaça, o Conselho varia em ações tomadas, como proposições de diálogos entre os membros e partes envolvidas, a realização de investigações, embargos econômicos ou até mesmo operações militares. As atitudes do comitê buscam, em geral, a resolução pacífica dos conflitos por meio de reuniões e cooperação entre os países, sendo as intervenções mais sérias realizadas como último recurso.

### **4.2. Estrutura**

O CSNU apresenta 15 membros, sendo 10 rotativos, eleitos pela Assembleia Geral das Nações Unidas, com mandatos de 2 anos e divididos por regiões geográficas da seguinte forma:

- África: 2 Assentos;
- Ásia-Pacífico: 2 Assentos;
- América Latina e caribe: 2 Assentos;
- Europa ocidental e outros Estados: 2 Assentos;
- Europa Oriental: 1 Assento;
- África ou Ásia: 1 Assento.

No ano de 2024, os representantes são: Gabão, Gana, Moçambique, Emirados Árabes Unidos, Japão, Albânia, Brasil, Equador, Malta e Suíça.

Além desses 10 Estados, o Conselho possui 5 membros permanentes, mais conhecidos como “P5”, dos quais fazem parte os Estados Unidos, China, Rússia, França e Reino Unido. As representações desses países possuem um atributo especial no comitê, chamado de poder de veto; em outros termos, para que uma ação seja aprovada no Conselho, cada um desses 5 Estados há de concordar com a resolução, pois se pelo menos um deles decidir vetar a decisão, ela não passa.

## **5. Conceitos e Termos**

### **5.1. Conceitos e Termos Gerais**

#### **5.1.1. Etnia**

O termo "etnia" tem sua origem no grego "ethnikos", adjetivo de "ethos", e refere-se a um povo ou nação. De forma mais concreta, o conceito de etnia diz respeito a um grupo de pessoas com origens, interesses e experiências em comum, entre as quais frequentemente existem níveis de solidariedade e identificação. É comum que esse grupo compartilhe o mesmo idioma e cultura, o que os distingue de outros grupos locais que, às vezes, podem compartilhar das mesmas estruturas e características físicas, mas não culturais. A etnia expressa uma realidade cultural na qual as pessoas que formam um determinado grupo étnico baseiam-se em percepções comuns e experiências espirituais compartilhadas e, frequentemente, visam superar privações materiais.

É bastante comum que os termos "etnia" e "raça" sejam confundidos por serem usados normalmente de maneira simultânea, porém são dois termos que se diferem em seu significado. O termo "raça", de uso mais frequente e antigo, refere-se aos atributos dados a povos que compartilham traços biológicos comuns e ocupam áreas continentais desde tempos remotos. As pesquisas mais recentes dos especialistas no assunto, os geneticistas, demonstram que nas informações genéticas não se confirmam as teorias das raças humanas.

#### **5.1.2. Limpeza Étnica**

A limpeza étnica, ou depuração étnica, é um conceito que abrange uma série de políticas destinadas a compelir grupos étnicos a abandonarem seus habitats tradicionais para se estabelecerem em outras regiões. Este termo engloba também a emigração forçada, a transferência e deportação de populações, bem como o genocídio de comunidades previamente identificadas com base em critérios religiosos, linguísticos,

culturais, sociais, ideológicos e estratégicos, ou pela combinação de vários desses critérios.

A prática da limpeza étnica pode envolver uma variedade de táticas, tais como massacres, deslocamento coercitivo da população, violência sexual sistemática, destruição de propriedades e patrimônio cultural, entre outras violações dos direitos humanos. Essas ações podem ser perpetradas por grupos armados, governos, ou uma combinação de ambos.

O termo "limpeza étnica" surgiu relativamente recentemente na esfera internacional, tornando-se proeminente durante a década de 1990, especialmente no contexto da guerra civil iugoslava. Desde então, ele passou a integrar o vocabulário comum da diplomacia internacional, das organizações intergovernamentais e das organizações não governamentais, que demonstram preocupação com os conflitos étnicos que eclodiram em várias partes do mundo.

### **5.1.3. Soberania**

Ao definir um Estado, há três eixos principais a serem considerados, geralmente estabelecidos na ciência política como elementos essenciais do Estado: o povo, o território e a soberania. Os dois primeiros são de mais fácil entendimento, por representarem a parte humana e geográfica de um país. Já a soberania consiste no poder máximo do Estado, acima do qual não se encontra nenhuma outra instância de maior autoridade; em outros termos, a soberania corresponde à autoridade atribuída ao Estado que o capacita a tomar as decisões referentes à sua população e extensão territorial, além de colocá-lo como agente exclusivo de preservação da ordem nacional, impedindo, ao menos teoricamente, a interferência de outros países na ordem soberana.

Portanto, a soberania representa um dos pilares das relações internacionais, tendo em vista a necessidade de respeito mútuo entre os governos estatais para a manutenção da paz mundial e sendo, portanto, uma premissa fundamental da ONU nos debates e nas resoluções. Vale

ressaltar, também, a igualdade das soberanias de cada Estado, ou seja, em princípio, um Estado não é mais ou menos soberano que o outro, uma vez que a autoridade governamental suprema em um território é sempre a mesma. Por fim, há um tênue limiar, tópico frequente de discussão, entre os assuntos que são de jurisprudência de um Estado e aqueles que, por constituírem ameaças à paz mundial ou aos direitos humanos, são cabíveis de medidas coercitivas a serem estabelecidas pelo CSNU - a depender do contexto e da pólex, os países assumem diferentes posições neste debate.

#### **5.1.4. Genocídio**

Genocídio é definido pelo assassinato em massa de um grupo de pessoas, seja por razões étnicas, religiosas, sociais, políticas ou nacionais, de modo que haja a intenção de eliminação total ou parcial desse conjunto por parte de quem o comete. O conceito foi criado pelo advogado judeu-polonês Raphael Lemkin em 1944, ao tentar definir o que os nazistas haviam feito aos judeus no Holocausto. Assim, ele combinou o termo grego “geno” (etnia, raça ou tribo) com a palavra de origem latina “cídio” (matar). Posteriormente, a ONU incorporou o termo definitivamente ao aprovar a Convenção para a Prevenção e Punição de Crimes de Genocídio, em 1948, conceituando genocídio da seguinte forma:

“ Por genocídio entende-se quaisquer dos atos abaixo relacionados, cometidos com a intenção de destruir, total ou parcialmente, um grupo nacional, étnico, racial, ou religioso, tais como:

- a. Assassinato de membros do grupo;
- b. Causar danos à integridade física ou mental de membros do grupo;
- c. Impor deliberadamente ao grupo condições de vida que possam causar sua destruição física total ou parcial;
- d. Impor medidas que impeçam a reprodução física dos membros do grupo;
- e. Transferir à força crianças de um grupo para outro.”

Desde sua criação e uso frequente, o conceito de genocídio tem sido empregado em diversos contextos, quase sempre, com alguma polêmica ou divergência quanto à sua adequação. No Direito Internacional, cabe ao Tribunal Penal Internacional julgar os crimes de genocídio, tanto os agentes diretos como cúmplices ou auxiliares, como estabelecido no Estatuto de Roma.

### **5.1.5. Nacionalismo**

A guerra do Kosovo representou a mais importante derrota do nacionalismo sérvio, e de seu projeto de reconstrução do Estado iugoslavo, desde o início do processo que levou à desintegração da antiga Iugoslávia.

O nacionalismo é uma ideologia política, uma corrente de pensamento que valoriza todas as características de uma nação. Uma das formas pelas quais o nacionalismo se expressa é por meio do patriotismo, que envolve a utilização dos símbolos nacionais, da bandeira, de cantar o hino nacional, etc.

Entretanto, esse nacionalismo se torna nocivo quando passa a ser exacerbado, tomando grandes proporções e levando ao extermínio do não semelhante, da diversidade, fazendo com que povos diferentes não se sintam pertencentes ao território, motivando a divulgação de mensagens de ódio, crimes hediondos e até a manutenção da “pureza” do território. Geralmente esse processo ocorre em países com tendências conservadoras, onde há uma motivação religiosa significativa, grupos tradicionais ou conservadores e mobilizações de supremacia étnica.

## **5.2. Conceitos Específicos**

### **5.2.1. Exército de Libertação do Kosovo (KLA)**

É um grupo paramilitar de etnia albanesa kosovar ativo durante a década de 1990, onde buscavam a independência de Kosovo da Sérvia, acreditando que a liberdade de Kosovo só poderia ser garantida através de uma luta armada. Um dos principais princípios do KLA era o nacionalismo albanês e muitos deles apoiavam a criação de uma grande Albânia, que abrangeria todos os albaneses, enfatizando a cultura, a etnia e a nação albanesa.

Os primeiros militares do KLA começaram o movimento de resistência no final da década de 80, com fortes repressões da polícia iugoslava que tentava parar o movimento paramilitar dos ativistas albaneses. Na década de 90, ocorreram ataques a forças policiais e aos funcionários do serviço secreto por conta de abuso à civis albaneses, logo após esse evento houve também uma batalha frontal, embora estivessem em desvantagem, o conflito se intensificou resultando uma repressão na região, deslocamento populacional, derramamento de sangue e uma limpeza étnica de milhares de albaneses, esse cenário foi tão violento que países vizinhos acionaram organizações internacionais para ajudar na situação local

O KLA recebeu grandes fundos da diáspora albanesa na Europa e nos Estados Unidos, mas também de empresários albaneses no Kosovo, recebeu o seu financiamento de formas múltiplas e descentralizadas, mantendo o Exército de Libertação de Kosovo.

O Exército de Libertação de Kosovo tinha a participação tanto de homens como mulheres, porém após o massacre que as forças sérvias realizaram, matando família do comandante do Exército de Libertação do Kosovo (ELK), Adem Jashari, entre 5 e 7 de Março de 1998, esse massacre, que matou 58 membros da família Jashari, 28 dos quais eram mulheres e crianças, provocou um aumento no número de soldados atuantes, que

possuíam sede de justiça, queriam a libertação do seu país e estavam dispostos a ir a luta pela sua autonomia.



### 5.2.2 Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN)

O Kosovo ganhou o estatuto de província autônoma da Sérvia em 1968, estatuto reforçado na Constituição Federal Iugoslávia de 1974. No entanto, os albaneses étnicos, conhecidos como Kosovars, queriam a independência da Iugoslávia e a unificação com a Albânia. A minoria sérvia sofreu discriminação, bem como assédio por parte de extremistas albaneses, e ressentiu-se disso. Slobodan Milosevic, o presidente iugoslavo, defendeu a causa sérvia, enquanto Ibrahim Rugova defendeu a causa da etnia albanesa. Até 1989, a região gozava de um elevado grau de autonomia dentro da ex-Jugoslávia. Quando o líder sérvio Milosevic alterou o estatuto da região, retirando a sua autonomia e colocando-a sob o controlo directo de Belgrado, a capital sérvia, a medida foi vigorosamente combatida pelos albaneses do Kosovo.

A OTAN vendo essa situação em 1998, o conflito aberto entre as forças militares e policiais sérvias e as Albânicas Kosovar resultou na morte de mais de 1.500 Kosovars e forçou 400.000 pessoas a fugir das suas casas. A escalada do conflito, as suas consequências humanitárias desastrosas e o risco da sua propagação a outros países tornaram-se uma questão de grande preocupação para a comunidade internacional. O desrespeito do Presidente Milosevic pelos esforços diplomáticos, destinados a resolver pacificamente a crise, também foi motivo de preocupação. Após meses de

escalada da repressão contra os albaneses do Kosovo e de uma série de acordos quebrados com a comunidade internacional, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) tomou posição, resultando numa operação aérea contra a máquina militar de Milosevic em 24 de Março de 1999, sem a Sanção das Nações Unidas. Os objetivos da operação aérea da OTAN eram reverter a terrível política de limpeza étnica do regime de Belgrado e permitir que os albaneses deslocados regressassem às suas casas em paz e segurança. Assim, a operação aérea da OTAN procurou forçar Belgrado a parar a sua brutal campanha de limpeza étnica no Kosovo, ao mesmo tempo que as forças da OTAN têm prestado assistência humanitária às vítimas da crise. A campanha aérea forçou Milosevic a submeter-se às exigências da OTAN e lançou as bases para a implementação da paz. Uma força internacional liderada pela OTAN começou a ser destacada imediatamente após a retirada sérvia, sendo a sua missão implementar o acordo de paz e garantir um regresso seguro de milhares de refugiados Kosovar.

Entretanto, a intervenção da OTAN na crise do Kosovo levantou uma série de questões. Os princípios básicos da soberania do Estado e dos direitos humanos entraram em conflito entre si, uma vez que a operação violava leis e convenções internacionais reconhecidas. Tendo como justificativa a OTAN reduzir o sofrimento humano e trazer estabilidade e paz à região.

Ao chegar ao poder, Milošević, talvez com relutância e dureza, tentou resolver os problemas adoptando uma nova constituição e encurtando a autonomia das províncias. Os albaneses responderam a isto boicotando as primeiras eleições multipartidárias, mas também todas as instituições do Estado sérvio, e organizaram um referendo em 1991, quando declararam a favor de um Kosovo independente. Tudo isso acontece quando a guerra começa a esquentar nos territórios da RSFJ. O problema albanês, que foi dominante nas décadas de 80 e 90, foi colocado em espera nesses anos, pois Rugova liderou uma resistência do tipo "Gandhi" com a formação das suas próprias instituições paralelas. Era como

se estivessem à espera de um sinal dos centros de poder internacionais para radicalizar o conflito.

Por outro lado , no mundo daquela época, a América tornou-se uma potência absolutamente dominante, é claro , juntamente com todo o Ocidente colectivo . Como as instituições internacionais foram preservadas e Estados como a Rússia desempenharam um papel inadequado à sua força real (pelo menos foi assim que o entenderam no Ocidente ), começaram a encontrar um modelo para a utilização da OTAN na resolução de problemas mundiais. O objectivo era que a OTAN e o Ocidente colectivo contornassem as instituições internacionais, estabelecidas após a Segunda Guerra Mundial, a fim de lhes imporem a sua vontade indirectamente e pela porta dos fundos. Além disso , queriam contornar fatores (especialmente no Conselho de Segurança ) que se oporiam à sua política. O seu objectivo era legalizar os seus próprios projectos através de instituições internacionais, mas usurpando essas instituições e trazendo -as ao estatuto de meros executores da vontade da América e da OTAN.

## **6. Histórico do tema**

### **6.1. Povoamento do território balcânico e invasão do Império Otomano**

O território atualmente conhecido como Kosovo é caracterizado por uma série de disputas históricas entre diversos grupos étnicos e impérios. As regiões, atualmente ocupadas pela comunidade albanesa, testemunharam ao longo dos tempos uma extensa narrativa de confrontos, insurreições, colonização e migração de variados povos. Para uma apreensão abrangente do conflito em curso, é imprescindível remontar às disputas pretéritas que marcaram esse mesmo território ao longo dos séculos, a fim de compreender as origens da contenda. Tais origens remontam ao século XIV na região dos Balcãs.

Seguindo as evidências arqueológicas, existem provas que mostram que a região dos Balcãs era povoada muito antes do Período Neolítico, cerca de 10.000 anos atrás, mas os primeiros registros vieram durante a Antiguidade. Os primeiros povos a dominarem a área eram chamados de Ilírios, ao oeste, e Trácios, a leste, divisão determinada pelos vales do rio Morava, onde mais um povo, Valdar, habitava. Os Trácios - avançados na metalurgia e na equitação - se misturaram com os gregos, com os quais compartilharam contos e cultos religiosos. Os Ilírios eram mais reservados em seu próprio terreno montanhoso, afastado dos gregos e Trácios, desenvolvendo suas próprias tribos e cultura. Ao longo dos anos, muitas batalhas e conflitos dominaram o local, seja conflitos entre os próprios grupos, como ameaças externas, como foram as invasões persas e invasões celtas, o que abalou um pouco a estrutura local. Depois desses conflitos, os Ilírios ficaram conhecidos principalmente como piratas que perturbavam o comércio de muitos assentamentos gregos na costa. Afetados também devido aos conflitos, os romanos anexaram uma grande parte do território no início do século III a.C.

Na Idade Média, no século XIV, os territórios mundiais estavam divididos entre diferentes reinos, impérios e domínios feudais. Os impérios

mais proeminentes incluíam o Império Bizantino, o Império Mongol, o Império Otomano, o Império Mameluco, o Sacro Império Romano-Germânico, entre outros. As fronteiras e os domínios variavam consideravelmente ao longo do tempo devido a guerras, alianças e mudanças dinásticas. Neste período, umas das regiões de maior importância era a dos Balcãs, também conhecida como Península Balcânica, localizava-se no sudeste da Europa e possuía diversas características que tornavam o território desejável. Um local marcado por uma geografia variada, incluindo montanhas, planaltos e vales férteis, gerando o interesse agrícola, e uma localização extremamente estratégica, estando posicionado entre o Oriente e Ocidente.



No século I toda a península estava sob controle do império romano, onde os povos se estabeleceram mais unidos entre si. Inicialmente, os romanos foram uma das potências dominantes na região, estendendo seu império para os Balcãs durante as campanhas de conquista. Quando o cristianismo se tornou religião oficial, em 395, o império se dividiu em dois e a linha divisória passava justamente através dos Balcãs. A Ilíria foi para o setor ocidental sob Roma, o restante foi para a metade oriental, fazendo parte do Império Bizantino. Essa divisão definitiva alterou e impactou as relações entre os povos locais, as quais já eram bastante tensionadas

devido aos conflitos passados. O século que se seguiu viu a devastação e separação de diversas outras tribos e territórios se desfazerem, a maioria desses, que costumavam fazer investidas de invasões a região dos Balcãs, partiram ou foram assimilados, mas tal não aconteceu com os eslavos que chegaram pela primeira vez no século VI. Os eslavos eram colonos e cultivadores que ao longo dos anos se tornaram extremamente poderosos na região, eles eram separados em quatro grupos principais: os eslovenos, croatas, sérvios e búlgaros (sendo o último uma tribo turca que acabaram por ser absorvidos pelos eslavos que já tinham se estabelecido na parte oriental do território).

Os eslavos, um grupo étnico indo-europeu, migraram para os Balcãs em ondas sucessivas, ocupando territórios anteriormente controlados pelo Império Romano e seus sucessores. Com a retirada das tropas romanas e a instabilidade política, os eslavos encontraram oportunidades para estabelecer assentamentos permanentes. Essa migração eslavônica resultou na formação de diversos reinos e principados eslavos dos Balcãs, substituindo gradualmente as estruturas políticas e sociais romanas e bizantinas. Os eslavos não apenas ocuparam as terras, mas também adaptaram suas próprias tradições culturais, línguas e sistemas políticos à nova realidade dos Balcãs. Essa ocupação territorial foi complexa e gradual, marcada por conflitos com as populações locais e com outros grupos migratórios, como os búlgaros. Esses conflitos muitas vezes resultaram em mudanças territoriais e rearranjos políticos, à medida que os diversos grupos étnicos competiam pelo controle dos recursos e do poder na região. E apesar da maioria das tribos ali estabelecidas terem vindo de mesma origem, com o crescimento da Igreja e suas frentes religiosas, cada povo ia se identificando e edificando sua própria religião, o que diferenciava e separava ainda mais os grupos. Embora tenha havido resistência inicial por parte das populações locais e do Império Bizantino, a presença eslava nos Balcãs acabou se tornando permanente e profunda.

Devido às diferenciações culturais e religiosas dos povos eslavos, mesmo quando estabelecidos na região, ao longo dos anos muitos

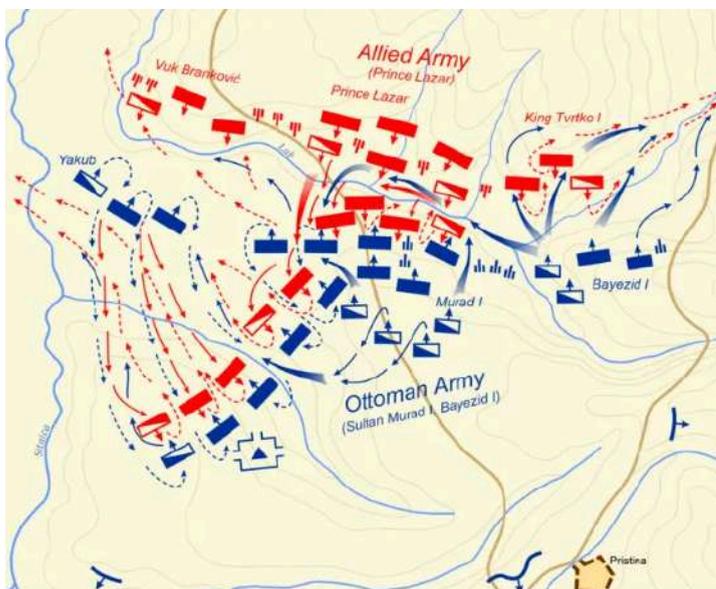
conflitos internos por busca de poder e terras foram traçados. Cada grupo foi se fortalecendo e crescendo em suas áreas, até que os Reinos fossem formados, com suas estruturas políticas e militares mais fortes. Inicialmente o Reino da Croácia e o Reino da Sérvia emergiram como os que possuíam maior poder local, tendo forte influência sobre os outros reinos. Ao longo do crescimento interno dos próprios grupos eslavos, o Império Bizantino sofreu instabilidades crônicas com os diversos conflitos que enfrenta, batalhas como a Revolta de Nika, guerras traçadas com os Persas Sassânidas, conflitos com os Árabes, tudo isso resultou numa perda de territórios e enfraquecimento do império, que acabou se fragmentando e dando espaço para o surgimento de novos estados independentes.

Focados demais no crescimento próprio de seus Reinos, enquanto os povos eslavos iam se expandindo, o Império Otomano vinha crescendo com enorme poder político e militar ao redor. O Império Otomano surgiu no final do século XIII, quando os turcos otomanos, liderados por Osman I, começaram a consolidar seu poder na Anatólia, região que corresponde em grande parte à atual Turquia. A data tradicionalmente aceita para o início do Império Otomano é 1299, quando Osman I é considerado o fundador do estado otomano, embora o processo de formação do império tenha começado antes desse período. Durante os séculos XIV e XV, o Império Otomano emergiu como uma potência militar e política na região dos Bálcãs, estendendo seu domínio sobre territórios anteriormente controlados por estados cristãos, como o Reino da Sérvia, o Despotado da Bulgária e outros principados balcânicos. Se inicia então mais um longo conflito, dessa vez, pela posse da Península Balcã. Por um lado, o Império Otomano que em expansão deseja anexar aquela área como território próprio contra os reinos dos povos eslavos, principalmente o Reino da Sérvia, que luta para manter o território.

## **6.2. Batalha de Kosovo: Sérvios x Turco Otomanos**

A Batalha de Kosovo, ocorrida em 1389, marca um dos conflitos mais importantes da expansão do império Otomano no território

Balcã, como também uma importante parte da história da Sérvia e sua construção como Estado. Apesar das escassas fontes históricas, os relatos são de que a batalha foi extremamente sangrenta e árdua, o embate entre as forças sérvias e bósnias, todas cristãs, lideradas pelo príncipe da Morávia Sérvia Lazar Sribljanovic, contra as forças do Império Otomano lideradas pelo sultão Murad I. A batalha teve como palco o Campo do Kosovo que situava-se numa importante encruzilhada regional. Apoiada pelas montanhas do norte e do oeste, uma bacia hidrográfica ao sul entre os mares Egeu e Negro criou uma passagem natural para a Sérvia. Os ocupantes e invasores também conheciam valiosos centros minerais localizados nesta região. Quem quer que controlasse esta parte dos Balcãs controlava os seus sítios minerais e a porta de entrada vital para a Sérvia. Ciente destes fatores, o Príncipe Lazar entendeu que o resultado desta batalha determinaria o destino de todos os residentes na Sérvia e além.



Apesar do esforço e persistência dos sérvios, o Império Otomano tinha uma óbvia vantagem militar, seja em números de soldados quanto suas estruturas armamentistas, então não foi uma surpresa seu triunfo na batalha e o prosseguimento de seu processo de expansão. Embora vista

como uma derrota sérvia, a batalha infligiu danos suficientes para os otomanos reavaliarem a sua estratégia para conquistar a região. Mesmo depois de pacificar a Sérvia em 1459, a lenda por trás do Kosovo Polje inspiraria os rebeldes sérvios a lutar contra o domínio otomano durante séculos. Já na década de 1900 (após o colapso do Império Otomano), a batalha tornou-se um grito de guerra para os sérvios em revolta contra outras forças conquistadoras. Os épicos poéticos ainda romantizam a batalha, e o dia 28 de junho foi comemorado como feriado nacional sérvio.

### **6.3. A queda do Império Turco-Otomano e as Guerras dos Balcãs**

Apesar de uma vitória simbólica para os sérvios, o vencedor da batalha e conquistador dos territórios da península balcânica, foi o Império Otomano. A conquista de Constantinopla, e a queda definitiva do Império Bizantino, consolidou o poder turco-otomano também nos Balcãs, que já se estendia pelas atuais Bósnia, Sérvia, Albânia, Macedônia, Bulgária e Grécia. No início do século XVI, o Império Otomano já era uma força dominante no Mar Mediterrâneo e uma enorme ameaça para a Europa, já que estavam cada vez se aproximando mais dos territórios europeus. Com um poder militar e estratégico inigualável, o Império utilizava conflitos internos nas regiões dominadas e conquistadas para oferecer "paz e estabilidade", assim, dominando culturalmente as regiões e os povos anexados.

Após a morte de Solimão 1º, em 1566, as disputas internas ficaram mais latentes, e havia relatos de corrupção por todo território otomano. Além disso, existia uma pressão excessiva sobre os cristãos nos Balcãs e os próprios mulçumanos no Oriente Médio, o que fomentou inúmeras revoltas. As baixas militares acabavam apenas contribuindo para a desestabilidade interna do Império, conflitos e batalhas perdidas, como a batalha do Chipre e a batalha de Lepanto, que foi uma das batalhas mais sangrentas da história. E apesar das derrotas, sejam militares quanto políticas, os turco-otomanos continuaram a expandir seu território.



Em 1683, o Império tenta novamente conquistar a cidade de Viena durante a Grande Guerra Turca, mas como na primeira tentativa, eles não alcançaram seu objetivo. O Império Otomano começou a declinar após o fracasso em capturar Viena em 1683. O Tratado de Karlowitz em 1699 marcou a primeira grande perda de território otomano na Europa, com a concessão da Hungria e da Transilvânia aos Habsburgos. Nos séculos seguintes, os otomanos continuaram a perder território devido a guerras constantes com potências europeias e levantes internos.

Os anos foram se passando, e mesmo com as revoltas instauradas, o território otomano prosseguia intacto. Com a Revolução Francesa e o início das Revoluções Industriais, um sentimento nacionalista começou a se despertar nos Estados dominados e se tornava mais evidente como o Império estava atrasado em relação as outras potências. Algumas regiões lutaram e conseguiram sua independência, como a Grécia, Sérvia, Romênia, Montenegro, Bósnia, Bulgária e Albânia. Já outras partes do Império foram arrebatadas por potências como o Reino Unido, França e Itália. Os sentimentos nacionalistas despertados durante esses conflitos e a independência desses países, principalmente daqueles na região Balcã, se desenrolou para dois conflitos que ocorreram imediatamente antes da

Primeira Guerra Mundial e que foram cruciais para a expulsão final dos otomanos na região: as Guerras dos Balcãs.



A primeira Guerra dos Balcãs foi motivada pelo desejo dos estados balcânicos de obter territórios controlados pelo Império Otomano, que agora com as revoltas e enfraquecimento interno, estava vulnerável. A crescente onda de nacionalismo na região e o declínio do poder otomano incentivaram a formação da Liga Balcânica, uma aliança militar composta por Bulgária, Grécia, Montenegro e Sérvia. A Liga foi capaz de reunir uma força combinada de 750.000 homens. Montenegro abriu as hostilidades declarando guerra à Turquia em 8 de outubro de 1912, e os outros membros da Liga seguiram o exemplo 10 dias depois. Os conflitos se iniciaram, e pouco a pouco, os aliados Balcãs saíram vitoriosos. O colapso turco foi tão grande que todas as partes estavam dispostas a concluir um armistício em dezembro de 1912. Uma conferência de paz foi iniciada em Londres com um tratado de paz, no qual o Império Otomano cedia quase todos seus territórios entre os estados da Liga.

A Segunda Guerra Balcânica começou quando a Sérvia, a Grécia e a Romênia discutiram com a Bulgária sobre a divisão das suas conquistas conjuntas na Macedônia. Em 1º de junho de 1913, a Sérvia e a Grécia formaram uma aliança contra a Bulgária, e a guerra começou na noite de 29 para 30 de junho de 1913, quando o Rei Fernando da Bulgária ordenou

que suas tropas atacassem as forças sérvias e gregas na Macedônia. Apesar da ofensiva búlgara surpresa ter sido inicialmente bem sucedida, o contra-ataque sérvio veio não muito depois, abrindo uma barreira na linha búlgara. As reservas gregas avançaram para a frente em 3 de julho, e uma série de ataques nos dias seguintes ameaçou virar o flanco esquerdo de todo um exército búlgaro. Num esforço para evitar que a sua força fosse totalmente cortada, os búlgaros lançaram um ataque desesperado às linhas sérvias. Mais uma vez, os búlgaros alcançaram um sucesso momentâneo, mas em 10 de julho a ofensiva estava completamente estagnada. Em 30 de julho concluíram um armistício para pôr fim às hostilidades, e um tratado de paz foi assinado entre os combatentes em 10 de agosto de 1913. O Tratado de Bucareste e o Tratado de Constantinopla foram assinados, encerrando de uma vez a guerra.

Os resultados das duas Guerras foram muitos, com a redefinição de fronteiras na península dos Balcãs, com a expulsão quase completa do Império Otomano da Europa, e a conquista do território de Kosovo pela Sérvia, uma vitória era cantada pelo povo sérvio. Mas, a vitória de ter o tão estimado território de Kosovo para si durou pouco, já que, durante a Segunda Guerra Mundial, partes do Kosovo foram incorporadas pela Albânia.

#### **6.4. A formação da Iugoslávia e a posse de Slobodan Milošević**

A criação da Iugoslávia e a subsequente ascensão de Slobodan Milošević ao poder representam um período complexo e transformador na história dos Balcãs. A formação deste Estado multinacional e sua eventual fragmentação refletem as tensões e os desafios de unir diversas etnias e culturas sob uma única entidade política. A Iugoslávia foi criada no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, em um contexto de desintegração dos impérios austro-húngaro e otomano. Com o colapso do Império Austro-Húngaro em outubro de 1918, o Estado dos Eslovenos, Croatas e

Sérvios foi proclamado. Em 1º de dezembro de 1918, este estado decidiu unir-se ao Reino da Sérvia, formando o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Esta unificação foi impulsionada pela liderança do Príncipe Regente Alexandre I da Sérvia. Entretanto, ao unificar tantas nacionalidades distintas em um só Estado, existiu uma certa dificuldade em manejar os interesses de todos inicialmente. Os croatas, por exemplo, eram a favor de uma estrutura federal que respeitasse a diversidade de tradições, enquanto os sérvios eram a favor de um estado unitário que unisse a sua população dispersa num só país. A solução unitarista acabou prevalecendo e a constituição de 1921 estabeleceu um estado altamente centralizado, onde o poder legislativo era exercido conjuntamente pela monarquia e pela assembleia.



Em 1929, em resposta às crescentes tensões étnicas e políticas internas, o Rei Alexandre I implementou uma reforma autoritária, dissolvendo o parlamento e renomeando o país como Reino da Iugoslávia. Esta mudança visava centralizar o poder e promover uma identidade nacional iugoslava, em detrimento das identidades étnicas. Sob a nova monarquia, ocorreu algum desenvolvimento industrial, significativamente financiado pelo capital estrangeiro. Além disso, o governo centralizado tinha a sua própria influência econômica, como se pode ver nas pesadas despesas militares, na criação de uma função pública inflacionada e na intervenção direta nas indústrias produtivas e na comercialização de

produtos agrícolas. A modernização da economia limitou-se em grande parte ao norte, criando profundas disparidades regionais na produtividade e nos padrões de vida. Quando a guerra eclodiu em 1941, a Iugoslávia ainda era um estado pobre e predominantemente rural, com mais de três quartos da população economicamente ativa envolvida na agricultura. As taxas de natalidade estavam entre as mais altas da Europa e as taxas de analfabetismo ultrapassaram os 60 por cento na maioria das zonas rurais.

Após a Segunda Guerra Mundial, a Iugoslávia passou por outra transformação significativa, tornando-se uma república socialista federativa sob a liderança de Josip Broz Tito. Tito governou com mão firme, mantendo a unidade do país por meio de um equilíbrio delicado entre as diversas nacionalidades e um forte aparato de segurança. Apesar de saber que o principal desafio em governar um Estado como a Iugoslávia seria as diferenças culturais, étnicas e religiosas de seu povo, Josip Tito conseguiu lidar com as diferenças dos vários grupos que povoavam o país. Juntamente a essa estabilidade política e união multinacional, a Iugoslávia experimentou um significativo desenvolvimento econômico. A implementação de um modelo econômico único de autogestão socialista permitiu certa descentralização da economia, incentivando a produtividade e a inovação. Esse sistema proporcionou um nível relativamente elevado de crescimento econômico e uma melhoria no padrão de vida para muitos cidadãos iugoslavos.

E em 1980, o líder Josip Tito vem a falecer, deixando um vácuo de poder que exacerbou as tensões étnicas e regionais. A fragilidade da estrutura federativa foi exposta, e o nacionalismo começou a ressurgir com vigor em várias repúblicas, principalmente na Sérvia. É então que Slobodan Milosevic surge na história da Iugoslávia. Slobodan Milosevic emergiu como uma figura política proeminente no final da década de 1980, quando a Liga dos Comunistas da Sérvia, a principal força política da república, começou a perder seu controle sobre a sociedade. Milosevic,

inicialmente um tecnocrata dentro do partido, aproveitou o crescente sentimento nacionalista para consolidar seu poder. Em 1987, ele se estabeleceu como o líder da Liga dos Comunistas da Sérvia, transformando-a em um veículo para o nacionalismo sérvio.

O discurso de Milosevic em 1989, no 600º aniversário da Batalha do Kosovo, marcou um ponto de virada. Ele apelou diretamente ao orgulho e às queixas históricas dos sérvios, prometendo proteger os sérvios onde quer que estivessem na Iugoslávia. Este evento simbolizou seu compromisso com um nacionalismo agressivo e seu abandono das políticas de coexistência étnica que haviam caracterizado a era de Tito. A retórica de Milosevic foi acompanhada por medidas práticas, como a centralização do poder em Belgrado e o enfraquecimento das autonomias das províncias de Kosovo e Voivodina. Milosevic tinha como objetivo principal a criação de uma "Grande Sérvia", onde todos os sérvios viveriam sob um único estado. E foi este ideal, que guiou uma série de conflitos violentos durante a desintegração da Iugoslávia.

### **6.5. Separação da Iugoslávia**

Após o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1918, a Croácia, a Eslovênia e a Sérvia se juntaram para formar um reino único, ideia antiga de união dos povos eslavos em uma nação unificada. Assim, foi criado o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, que passou a se chamar Reino da Iugoslávia a partir de 1929. O país foi invadido pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial, em 1941, até o momento em que os partisanos iugoslavos, de ideologia pan-iugoslava, expulsaram as tropas do Eixo e retomaram o governo da região. Então, posteriormente ao final da Segunda Guerra Mundial, o marechal ditador Josip Broz Tito assume como líder da República Popular Federal da Iugoslávia, que continha os atuais países: Bósnia e Herzegovina, Croácia, Montenegro, Macedônia, Eslovênia e Sérvia (incluindo o Kosovo e Voivodina, territórios que possuíam certa autonomia). Tito foi a figura mais poderosa e influente da história da Iugoslávia, se mantendo no poder do país socialista até a sua

morte, em 1980. Vale ressaltar que, embora o regime iugoslavo fosse socialista durante a Guerra Fria, a relação entre Tito e Stalin não era amigável, pois o ditador soviético tinha a ânsia de impor suas políticas arbitrariamente sobre o território dos Balcãs, o que Tito sempre rejeitou, além de negar a participação no Pacto de Varsóvia.

A Iugoslávia, por abranger povos de culturas, etnias e religiões muito distintas, sempre representou palco de tensões sociais e políticas. Josip Tito, nesse contexto, teve a responsabilidade de apaziguar as pressões na região, preservando a união entre todas as nações incluídas na Iugoslávia, função na qual ele foi muito bem sucedido, evitando intrigas internas e estabelecendo paz e estabilidade durante seu regime. Esse fato se deu, sobretudo, devido ao direito relativo de autodeterminação que Tito atribuía a cada nação.

Entretanto, a união dos diversos povos eslavos girava em torno de Tito, que havia sido o único capaz de manter a ordem e a harmonia entre as nações. Assim, com a morte do líder, em 1980, essas tensões entre os povos, que existiam desde o princípio da formação do país, foram afloradas novamente, em meio a uma crise econômica da região, ocasionada pelas barreiras comerciais com o Ocidente (no contexto da Guerra Fria) e por consequências da Crise do Petróleo de 1973. Nesse cenário, a década de 1980 foi turbulenta e tensa na região, com as diferenças religiosas e étnicas sendo o centro dessas perturbações. Em 1989, então, o recém eleito presidente da Sérvia, Slobodan Milošević, retirou a autonomia dos governos das duas províncias da Sérvia, Kosovo e Voivodina, apoiado por diversos protestos da Sérvia conhecidos como “Comícios da Verdade”, sob a prerrogativa de supostas burocracia e corrupção nessas duas regiões, substituindo as autoridades das províncias com líderes partidários seus. Além disso, neste mesmo ano, ocorreu a queda do Muro de Berlim, simbolizando a decadência da ideologia da Liga dos Comunistas da Iugoslávia, que havia sido o principal partido do país, fato que corroborou a ascensão do nacionalismo e dos ideais separatistas em cada uma das federações iugoslavas.

Em 1991, a Croácia, a Sérvia e a Macedônia declararam a sua independência da Iugoslávia, que não foi aceita por Milošević. Então, as tropas sérvias invadiram a Eslovênia por 10 dias, atacando a região, retirando-se em razão da comoção internacional. Com a Croácia, por outro lado, foi diferente e pior. Slobodan iniciou uma guerra com a nação croata que durou até 1995, sendo conhecida como Guerra de Independência da Croácia. Foi um conflito avassalador, com muitas mortes de civis, após o qual houve diversas denúncias de limpeza étnica e religiosa, de crimes de guerra e de crimes contra a humanidade. Vale destacar, também, que os povos eslavos haviam se deslocado dentro do território iugoslavo, o que significa que muitos sérvios habitavam a Croácia (cerca de 12% da população à época) e eram contra a sua independência, apoiando, então, as tropas sérvias.

Em 1992, iniciou-se a Guerra da Bósnia, após os bósnios declararem a soberania e independência da Bósnia e Herzegovina. Um dado muito importante é o fato de a Bósnia, tradicionalmente, ser um Estado multi-étnico, que, em 1992, possuía sua população dividida em 44% de bósnios muçulmanos, 32,5% de sérvios cristãos ortodoxos e 17% de croatas católicos romanos. Esse conflito é amplamente considerado como o mais sangrento e violento da Europa desde a Segunda Guerra Mundial. Foi marcado pelo cerco de Sarajevo, capital da Bósnia, que durou quase 4 anos, pelo massacre de Srebrenica e por estupros em massa. A OTAN entrou no conflito em 1994, atacando as tropas sérvias e buscando colocar um fim à guerra, o que ocorreu de fato no final de 1995, com o acordo de Dayton. A Guerra da Bósnia representou palco de dezenas de crimes de guerra, violações aos direitos humanos, genocídios, limpeza étnica e religiosa, em escalas muito maiores do que a Guerra da Croácia.

Com a saída de Macedônia, Croácia, Eslovênia e Bósnia e Herzegovina, as únicas nações restantes participantes da Iugoslávia eram Sérvia (incluindo o Kosovo) e Montenegro, que passaram a se chamar República Federal da Iugoslávia até 2003, quando mudaram o nome para Sérvia e Montenegro. O governo de Montenegro, em 2006, realizou um

plebiscito que votou para a independência do país da Sérvia, finalizando o processo de desintegração da Iugoslávia.



Mapa étnico do Kosovo em 2008

## 6.6. Levante do KLA e o andamento da Guerra de Kosovo

A primeira aparição do Exército de Libertação do Kosovo (KLA ou ELK) ocorreu em 1996, com ataques esporádicos a autoridades sérvias. Nesse momento, a repressão da Sérvia no Kosovo, sobretudo aos albaneses kosovares, era crescente, com mais de 70% da população albanesa da região desempregada e um sistema de segregação sendo, cada vez mais, evidente. Nesse contexto social e politicamente tenso, o KLA aparenta, inicialmente, surgir como organização de defesa do povo albanês e de proteção à autonomia da nação do Kosovo. Entretanto, os interesses do exército paramilitar iam para além disso: em uma entrevista ao jornal alemão Der Spiegel, em 1998, o porta-voz do KLA e futuro presidente do Kosovo, Jakup Krasniqi, esclareceu que o KLA havia a intenção de formar uma grande nação albanesa, incluindo a Macedônia, Montenegro e o sul da Sérvia. À época, o presidente do Kosovo, Ibrahim

Rugova, prometia à população a garantia dos direitos da população albanesa, tentando dialogar com o governo sérvio, ao mesmo tempo que a milícia separatista se recusava a debater com os sérvios. Não demorou para a Sérvia acusar o KLA de ser um grupo terrorista e declarar combate à facção.

Desse modo, os confrontos entre os paramilitares albaneses e a Sérvia aumentaram de maneira acentuada, até a ocorrência de um ataque do KLA contra policiais sérvios em 28 de fevereiro de 1998, que marca o início da guerra. Esse fato motivou a reação da Sérvia, que perseguiu os membros do KLA, de modo a provocar um grande incêndio, em 5 de março de 1998, na tentativa de eliminação de um dos líderes albaneses, Adem Jashari, deixando 60 albaneses mortos, incluindo adolescentes. Esse incidente comoveu a União Europeia, que já não olhava mais a crise como algo restrito aos interesses da antiga Iugoslávia, mas como uma situação a ser monitorada e possivelmente intervista pela OTAN, como expressou publicamente a então secretária de Estado e embaixadora da ONU Madeleine Albright. Vale ressaltar que as Guerras da Bósnia e de Independência da Croácia eram muito recentes, o que significava uma atenção internacional constante à região, com polarizações muito fortes com relação aos conflitos. Com a guerra declarada por ambas as partes, em 31 de março de 1998, o Conselho de Segurança das Nações Unidas estabeleceu sanções econômicas à Sérvia, proibindo a venda de armas bélicas para o país. Alguns meses depois, em junho de 1998, aviões da OTAN sobrevoaram a Albânia e a Macedônia como forma de mostrar à Sérvia seu poderio militar, ameaçando o país em favor do Kosovo. Logo após este acontecimento, o embaixador estadunidense Richard Holbrooke viaja à Sérvia e ao Kosovo para dialogar com Milošević e com o KLA. Neste momento, já era evidente o apoio ocidental (EUA e UE) ao Kosovo, com interesses políticos - sobretudo a tentativa de supressão total do socialismo - como plano de fundo para esse suporte. Em outubro de 1998, as negociações de cessar-fogo e de retirada de tropas por parte da

Sérvia avançaram, sinalizando um aparente acordo entre as partes, o que, entretanto, tardou a ocorrer: o auge do conflito ainda estava por vir.



*Richard Holbrooke com membros do KLA*

Os confrontos bélicos continuam durante o primeiro semestre de 1999, intensificados após o Massacre de Racak, com a OTAN entrando de vez na guerra. Durante o confronto, milhares de civis morreram, em razão dos ataques tanto da OTAN como da Sérvia, com vários supostos erros das forças estadunidenses assassinando dezenas de civis em seus diversos bombardeios, incluindo kosovares e sérvios. A guerra teve o seu fim oficial em 11 de junho de 1999, após um acordo ser feito entre ambas as partes, concordando com o cessar-fogo. A Guerra do Kosovo, assim como a maioria dos conflitos envolvendo a dissolução da Iugoslávia, apresentou ocorrências de crimes de guerra, infrações contra os direitos humanos e intensificou o debate sobre o pertencimento e governo de um território. Após o fim da guerra, houve um processo de desmilitarização do KLA, alinhado com a preservação da autonomia kosovar com relação à Sérvia. Em 2008, o Kosovo declarou a sua independência de maneira unilateral, pois a Sérvia não reconheceu sua soberania. Contudo, até os dias atuais, o reconhecimento do Kosovo como nação soberana ainda é parcial, com alguns países reconhecendo, e outros não. Na ONU, o Kosovo não possui

representação, ou seja, não é considerado um Estado-membro, apesar de o Tribunal das Nações Unidas ter julgado, em 2010, a independência kosovar como legítima.



### 6.7. Massacre de Račak

O massacre de Račak foi o assassinato em massa de albaneses na aldeia de Račak, em Kosovo, em janeiro de 1999. Naquela manhã, forças do governo sérvio invadiram a vila, situada ao sul da capital de Kosovo, Pristina. Cercaram os moradores, conduziram-nos a uma ravina próxima e executaram a queima-roupa. Quarenta e cinco civis foram mortos, incluindo uma mulher e uma criança de 12 anos.



Os parentes lamentaram os corpos dos albaneses étnicos mortos a tiros perto de Račak em 15 de janeiro. O governo sérvio rapidamente alegou que todos os mortos eram “separatistas” e “terroristas” do Exército de Libertação do Kosovo, afirmando que tinham sido mortos em combate. No entanto, uma equipe forense internacional logo refutou as alegações, concluindo que as vítimas eram civis e que o massacre constituía um crime de guerra.

Na época, assassinatos de civis pelas forças sérvias não eram incomuns, e os sérvios até tinham um slogan para isso. Durante uma conversa com um diplomata estrangeiro, um oficial sérvio afirmou: "uma aldeia por dia, mantém a OTAN longe", sugerindo que, desde que não houvesse massacres em grande escala, a comunidade internacional não se importaria tanto.

### **6.8.Crise de refugiados**

Em março de 1999, a OTAN iniciou um ataque aéreo no Kosovo, em nome de uma "guerra humanitária". Isto levou muitos albaneses a fugirem do Kosovo para países vizinhos.

A crescente repressão aos albaneses étnicos pela República Federal da Iugoslávia, liderada pelo Presidente Slobodan Milošević, e o fracasso dos esforços de resistência pacífica levaram ao surgimento de uma insurgência armada, o Exército de Libertação do Kosovo (KLA), e ao início de conflitos armados com os sérvios. forças sérvias em 1998. As forças sérvias envolveram-se numa campanha militar indiscriminada contra o KLA e civis albaneses, iniciada em Março de 1998, que resultou na deportação em massa de mais de 800 000 albaneses étnicos da sua terra natal e no deslocamento de quase todos os 500 000 para 600 000 pessoas que permaneceram no Kosovo.

Em 24 de março de 1999, a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) lançou ataques aéreos contra posições militares sérvias. Nas semanas que antecederam o bombardeamento, o governo iugoslavo

violou quase todos os pontos do acordo de cessar-fogo de Outubro de 1998 com a OTAN.

O Kosovo tinha uma população de aproximadamente 2 milhões de habitantes antes da eclosão dos conflitos armados em Março de 1998. Em meados de Abril de 1999, o Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados estimou que quase meio milhão de refugiados tinham atravessado a fronteira do Kosovo para a Macedónia e a Albânia

A Albânia abriu as suas fronteiras desde o início da crise, a fim de permitir a entrada dos refugiados. As pessoas chegavam diretamente à fronteira localizada no nordeste do país ou eram transferidas da Macedónia. A Albânia não estava preparada para a chegada de tantas



pessoas e solicitou ajuda internacional a fim de cobrir as necessidades básicas dos refugiados. Para coordenar as operações, o governo albanês criou o Grupo de Gerenciamento de Emergências dias após o início do ataque aéreo da

OTAN. Este grupo coordenou ações com o ACNUR e muitas outras organizações, tais como organizações não governamentais. A situação tornaria-se delicada durante os primeiros dias porque o ACNUR e as ONGs não previram que os bombardeamentos da OTAN durariam vários meses e conduziram a tal movimento populacional. À principio faltaram equipamentos, mas muitas entidades internacionais e ONGs levantam fundos e/ou deram ajuda prática à Albânia. Vários países europeus afirmaram que era do interesse dos refugiados permanecer na região e concederiam ajuda financeira. A Alemanha, por exemplo, ofereceu dinheiro para a construção de acampamentos na Albânia para os refugiados transferidos da Macedónia. Além dos refugiados colocados em acampamentos, a população albanesa acolheu muitos deles em suas casas, compartilhando espaço e comida.

Quase 435 mil refugiados tiveram que deixar o Kosovo para a Albânia, de acordo com o ACNUR. A maioria chegou diretamente a Albânia e alguns foram transferidos da Macedônia. No auge da Guerra do Kosovo, os refugiados cruzariam a fronteira para a Albânia, a uma taxa de 4.000 pessoas por hora. Posteriormente, o ACNUR afirmou que até 25% da população do Kosovo havia fugido.

### **6.9. Protestos de 1981**

Em março e abril de 1981, um protesto estudantil em Pristina, capital da então Província Autônoma Socialista do Kosovo, desencadeou manifestações generalizadas de albaneses do Kosovo exigindo maior autonomia dentro da República Federal Socialista da Iugoslávia. A Presidência da Iugoslávia decretou estado de emergência em Pristina e Kosovska Mitrovica, resultando em tumultos. A agitação foi reprimida por uma grande operação policial que causou várias vítimas, seguida de um período de repressão política.



A Universidade de Pristina foi o epicentro dos protestos estudantis de 1981 no Kosovo. O isolamento cultural e o subdesenvolvimento endêmico da região em comparação ao restante da Iugoslávia contribuíram para a maior proporção de estudantes e analfabetos na província. A educação universitária não garantia emprego futuro; ao invés de formar estudantes para carreiras técnicas, a universidade focava nas artes liberais, especialmente na Albanologia, que dificilmente assegurava trabalho fora da burocracia ou de instituições culturais locais.

Em 1º de abril, as manifestações se espalharam pelo Kosovo e 17 policiais foram feridos em confrontos com manifestantes, não conseguindo dispersá-los. O exército foi acionado para proteger as instituições estatais, e Mahmut Bakalli logo pediu o envio de tanques às ruas. Em poucos dias, os protestos estudantis evoluíram para um descontentamento com o tratamento dispensado à população albanesa pela maioria sérvia, culminando em tumultos e exigências nacionalistas albanesas. A principal reivindicação era que o Kosovo se tornasse uma república dentro da Iugoslávia, em oposição ao seu status de província da Sérvia.

As autoridades atribuíram os protestos a radicais nacionalistas. O jornal Politika, em maio de 1981, afirmou que o objetivo dos manifestantes era separar o Kosovo da Iugoslávia e anexá-lo à Albânia. As autoridades proibiram reportagens estrangeiras e a cobertura local, ao contrário dos protestos de 1968 no Kosovo, era totalmente controlada, publicando apenas declarações oficiais. Algumas dessas declarações eram vagas, mencionando "inimigos internos e externos", o que gerou várias teorias da conspiração que alimentaram o sentimento nacionalista em outras partes da Iugoslávia. Uma dessas teorias foi promovida por Azem Vllasi, que posteriormente discutiu publicamente o suposto envolvimento do serviço de segurança albanês, Sigurimi, nos protestos.

A exigência de que o Kosovo se tornasse a sétima república da Iugoslávia era politicamente inaceitável para a Sérvia e para a República Socialista da Macedônia. Alguns sérvios (e possivelmente alguns nacionalistas albaneses) viram essas demandas como um prelúdio para uma "Grande Albânia" que poderia incluir partes de Montenegro, Macedônia do Norte e o próprio Kosovo. Um impasse ocorreu perto de Podujevo, onde reforços policiais da Sérvia Central foram detidos por manifestantes albaneses que haviam feito reféns sérvios e montenegrinos locais.

Alguns grupos de manifestantes eram marxistas-leninistas, influenciados pelas ideias do líder albanês Enver Hoxha. As autoridades iugoslavas acusaram a Albânia de interferir em seus assuntos internos. No entanto, o grau de influência do governo albanês nos protestos é disputado. Mertus observa que alguns estudantes carregavam cartazes dizendo "Somos soldados de Enver Hoxha", mas seu número era pequeno. A Albânia utilizou rádio e televisão e enviou livros para incentivar os albaneses do Kosovo a "unirem-se à pátria mãe", mas não fez muito além disso, como argumenta Mertus, pois ajudar diretamente os manifestantes teria violado a política albanesa.

### **6.10 Conferência de Rambouillet e Intervenção da OTAN**

A Conferência de Rambouillet exacerbou o conflito no Kosovo, levando à intervenção da OTAN após o fracasso das tentativas diplomáticas.

Realizada na França em 1999, a Conferência de Rambouillet representou um esforço da comunidade internacional para conter a escalada do conflito no Kosovo. Participaram representantes da República Federal da Iugoslávia e do Exército de Libertação do Kosovo (KLA), buscando um acordo de paz. Porém, a conferência não obteve êxito, pois as partes não conseguiram alcançar um consenso, afetando significativamente o desenrolar do conflito.

O Acordo de Rambouillet, proposto durante a conferência, oferecia três anos de autonomia ao Kosovo sob supervisão da OTAN. O KLA aceitou essa proposta, mas a delegação iugoslava a rejeitou, especialmente por se opor à presença de tropas da OTAN em seu território. A falha em estabelecer um acordo resultou na intensificação do conflito, sinalizando o esgotamento das vias diplomáticas.

O colapso da Conferência de Rambouillet foi determinante para a decisão da OTAN de intervir militarmente. A OTAN iniciou uma campanha de bombardeio de 78 dias contra a Iugoslávia, conhecida como Operação Força Aliada, com o objetivo de forçar o governo iugoslavo a aceitar os termos do Acordo de Rambouillet. Este evento marcou uma escalada significativa no conflito e foi a primeira vez que a OTAN utilizou força militar sem a aprovação do Conselho de Segurança da ONU.

A Conferência de Rambouillet também moldou a percepção global sobre o conflito. O fracasso das negociações foi interpretado como uma evidência da inflexibilidade do governo iugoslavo, ajudando a fortalecer o apoio internacional à intervenção da OTAN. No entanto, tanto a conferência quanto a subsequente campanha de bombardeios foram controversas, com críticos alegando que representavam uma interferência injustificada nos assuntos internos de um Estado soberano.

Em suma, a Conferência de Rambouillet teve um impacto profundo no conflito do Kosovo. O fracasso das negociações intensificou o conflito e pavimentou o caminho para a intervenção da OTAN. A conferência também desempenhou um papel crucial na formação da percepção internacional do conflito, permanecendo um episódio controverso na história dos Balcãs.

## **7. Definição do problema**

O ano é 1999 e o sudeste europeu passa por uma das maiores crises humanitárias e guerras mais sangrentas da história. Os anos de ameaças, nacionalismo crescente e diferenças étnicas entre os povos kosovar e sérvio, repercutem num conflito complexo e mundial, que envolve muito mais do que nações adjacentes e populações locais. A situação de calamidade que se formou é alarmante, um cenário de instabilidade e insegurança que se mostra presente na emigração forçada de mais de 800.000 albaneses kosovares e nas mais de 8000 vítimas mortas, maioria civis albaneses de Kosovo, embora também vítimas do conflito soldados iugoslavos e soldados da OTAN. O presente cenário de vulnerabilidade, que além de consequente do enorme negligenciamento internacional, apenas é incentivado com as atitudes irresponsáveis dos líderes de ambos os lados do conflito.

A complexidade do conflito se mostra em seus diversos agentes e diversos pontos de perpetuidade, que se desenvolvem e agravam ainda mais o quadro de instabilidade. A postura violenta e intransigente de Slobodan Milosevic, líder da República Federativa da Iugoslávia, vem sendo um dos maiores desafios para um cessar-fogo ou acordo de paz com sua enorme resistência a qualquer tipo de negociação. Um presidente que possui falas extremamente agressivas e incentiva um nacionalismo negativo da população sérvia, incentivando a segregação albanesa e violência contra povo de Kosovo, gerando uma agressividade sem fim tanto dos civis quanto dos guardas envolvidos na guerra. Entretanto, não apenas a postura conflituosa de Milosevic que deu prosseguimento ao conflito, mas as condutas agressivas de líderes da OTAN e principalmente de Bill Clinton, presidente dos Estados Unidos, não apenas incentivou como deu prosseguimento ao conflito. Durante o conflito a OTAN permaneceu com uma postura militar ativa, justificando suas diversas intervenções militares e bombardeamentos com justificativas humanitárias e de estabilização do conflito, quando tais

ações apenas tiveram como consequências mais mortes e instabilidade local.

Ainda nas questões militares, durante o agravamento do conflito e quando os movimentos nacionalistas e de independência em Kosovo eram violentamente reprimidos pelas autoridades e forças militares sérvias, surge o Exército de Libertação de Kosovo (KLA), que começou como um grupo pequeno e clandestino, realizando ataques esporádicos contra as forças de segurança iugoslavas e infraestruturas do Estado. Sua popularidade cresceu à medida que a repressão se intensificou e as tentativas pacíficas de alcançar a autonomia se mostraram infrutíferas. A atividade crescente da KLA e sua capacidade de mobilizar apoio entre a população albanesa levaram a uma resposta severa por parte das forças de segurança iugoslavas. As operações militares destinadas a eliminar a KLA frequentemente resultaram em graves violações dos direitos humanos, incluindo assassinatos em massa, deslocamentos forçados e destruição de propriedades. A KLA, por sua vez, intensificou suas ações de guerrilha, atacando postos de polícia, bases militares e até civis considerados colaboradores do regime sérvio. O Exército de Libertação do Kosovo (KLA) é considerado um grupo terrorista por vários governos e entidades devido a suas táticas e ações durante o conflito, o que gera muita polêmica. A designação como grupo terrorista se baseia em táticas violentas e atos de terrorismo, como ataques a civis, atentados e bombardeios e assassinatos de colaboradores.

Enquanto os conflitos militares entre organizações, grupos e nações se intensificam, mais uma vez as vítimas da guerra são negligenciadas. As consequências humanitárias e migratórias são devastadoras, a perda de vidas, violência contra civis, destruição de infraestrutura e o deslocamento massivo de pessoas criam uma crise em proporções mundiais. Países vizinhos, como Albânia e Macedônia do Norte, enfrentam enormes pressões ao tentar acomodar o influxo de refugiados, mesmo muitas vezes não tendo estruturas ou recursos para tal. Os campos de refugiados ficaram rapidamente superlotados, e as condições de vida nesses locais

eram precárias, com falta de abrigo adequado, saneamento, alimentos e assistência médica.

Por fim, senhores delegados, cabe aos senhores, enquanto participantes do Conselho de Segurança das Nações Unidas, tomarem decisões acerca da enorme crise que se alastra pela região dos Balcãs, decidindo como prosseguir e os rumos dos acordos de paz não finalizados da região, bem como qual caminho traçar para que a disputa sangrenta pelo território de Kosovo finalmente chegue a um fim. Jamais esqueçam de se atentar quanto à soberania e aos direitos humanos dos povos envolvidos no conflito. Lembrem-se que os senhores tratarão sobre vidas humanas, e não somente números.

Vale destacar, ainda, que **o limite temporal da simulação será o dia 5 de Maio de 1999**. Sendo assim, quaisquer fatos, acontecimentos ou documentos revelados após essa data não poderão ser considerados no comitê.

## 8. Posicionamento do jornal

O Politika (em português política), é um jornal diário Sérvio, publicado em Belgrado (capital do país) e fundado em 1904 por Vladish F. Ribnikar (1871-1914), sendo hoje, o jornal mais antigo e influente em circulação no sudeste europeu, e, devida a sua influência, considerado uma instituição nacional, mesmo que não possua nenhuma ligação direta com o Estado.

O jornal tem como objetivo principal informar os seus leitores acerca do que está acontecendo no dia, tanto no país, quanto na comunidade internacional. Entretanto, seu conteúdo sempre atenta trazer aos leitores não só a informação, mas também uma análise dos ocorridos baseada em dados e fatos, característica importante do jornalismo moderno.

Por existir a mais de um século, o Politika acabou se tornando a “voz do povo”, possuindo um caráter conservador e nacionalista, assim como seu próprio país. Contudo, esse caráter mais tradicional nunca o impediu de fazer críticas aos governos, exigindo o melhor para a população e opondo-se a medidas tomadas, muitas vezes tendo matérias redigidas como cartas de aconselhamento. Dessa forma, é notório que o jornal possui demasiada influência também no meio político Sérvio.

Acerca do tema Guerra de Kosovo, o Politika posiciona-se contra a independência de Kosovo, e principalmente, contra a parte da comunidade internacional que é a favor, alegando que ao tomarem essa posição, se tornaram coniventes com a destruição da soberania da Sérvia. Quase diariamente o jornal costuma postar sobre a temática, com diversos tipos de apelações (sejam elas contra as atitudes tidas como agressivas de Kosovo, ou passivas da Sérvia), trazendo diversos dados, imagens e usando de uma linguagem um pouco religiosa, e o mais importante, sempre justificando a ilegalidade da independência com a soberania estatal sérvia.

Entretanto, durante a simulação, o comitê estará na verdade no ano de 1999, sendo então necessário que as pesquisas feitas acerca do tema tenham a data limite de 6 de maio de 1999. Para as produções durante a

simulação, além das noções sobre o tema, o jornal e o comitê, é importante que vocês se preocupem em trazer veracidade, ou seja, se atentar em qual foi a delegação que proferiu o discurso, para que delegação e com que objetivo. Além disso, procurem sempre trabalhar em equipe, e dividir entre vocês tanto o conhecimento prévio, quanto questões que vão ocorrendo no comitê.

## **9. Panorama dos países**

### **9.1. Estados Unidos da América**

A postura dos Estados Unidos da América referente ao conflito de Kosovo e o regime de Slobodan Milosevic sempre foi muito intransigente e direta. Como uma potência mundial, os EUA sempre se mostraram presentes politicamente ao conflito existente na região dos Balcãs, possuindo um posicionamento caracterizado por um forte apoio à intervenção da OTAN e a uma estratégia de pressão diplomática e militar contra o regime de Slobodan Milosevic.

Acerca da OTAN, o governo estadunidense se posicionou totalmente a favor da intervenção militar no conflito, entendendo como uma necessidade essencial para apaziguar os combates, considerando a intervenção da OTAN como necessária e justificada. Em discursos públicos e declarações oficiais, o presidente Bill Clinton enfatizava que a campanha de bombardeios aéreos iniciada em 24 de março de 1999 era essencial para parar a limpeza étnica e as atrocidades cometidas contra os albaneses kosovares pelas forças sérvias. Além de incentivar e justificar as atitudes da OTAN, o governo se destacava pela prontidão em contribuir militar e logisticamente nas operações, fornecendo a maior parte dos recursos armamentistas e estando envolvido na maioria das missões de bombardeamento.

A participação e papel dos Estados Unidos no conflito é extenso, podendo se mostrar através de esforços diplomáticos e tentativas de resolver o conflito, como também em sanções econômicas impostas no intuito de pressionar a Iugoslávia para um cessar-fogo. Durante o conflito, os Estados Unidos também lideraram esforços humanitários para ajudar os refugiados kosovares.

Apesar da postura ativa em relação às intervenções nos desdobramentos do conflito, os Estados Unidos não reconhecem Kosovo como país independente, não sendo um tópico importante para o governo americano. Apesar da independência de Kosovo não estar ainda

formalmente como uma política declarada, havia um claro apoio à autonomia substancial para Kosovo sob supervisão internacional.

## **9.2. República Francesa**

A França, como uma grande potência e com um significativo papel na política internacional, desempenhou um papel ativo no conflito de Kosovo, apoiando intervenções da OTAN enquanto equilibrava suas tradicionais políticas de multilateralismo. Além do claro apoio e participação nas intervenções militares, o governo francês se destacou por uma postura voltada sempre às tentativas de cessar-fogo e acordos diplomáticos.

Acerca das intervenções militares da OTAN, como grande aliada aos EUA, o governo francês apoiou a intervenção militar da OTAN em Kosovo. A posição francesa era de que a intervenção era sim necessária para encerrar os conflitos sangrentos das forças sérvias contra a população albanesa kosovar, e esse apoio se mostrava através de contribuição militar à campanha de bombardeios. Apesar do claro apoio a intervenção, o governo parecia agir de maneira cética em reuniões de planejamento estratégico, se preocupando em relação ao tipo de ataque que seria feito e onde seria feito, tentando evitar mais mortes e desastres.

A França se destacou principalmente por sua postura à frente dos acordos diplomáticos, sempre tendo em mente negociações de paz como mais importantes no conflito. O ministro das Relações Exteriores da França, Hubert Védrine, participou ativamente nas negociações de paz e nos esforços para mediar um acordo entre as partes envolvidas. A França apoiou as negociações em Rambouillet e subsequentemente as ações diplomáticas que buscavam forçar Milosevic a aceitar um acordo de paz .

Apesar de valorizar as reuniões em busca de um cessar-fogo e ser contra o regime de Milosevic, o governo francês não possui nenhum posicionamento oficial reconhecendo Kosovo atualmente como um país independente.

### **9.3. Reino Unido da Grã Bretanha e Irlanda do Norte**

O Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte ao longo do desenrolar do conflito tomou uma postura de preocupação e de mediação, sempre mostrando interesse na busca de algum acordo de paz e cessar-fogo no conflito. Sua interpretação das batalhas que eram travadas em Kosovo e suas consequências eram uma ameaça para a paz e segurança internacionais na região e para a humanidade.

Acerca do posicionamento do governo britânico quanto às ofensivas da OTAN, não apenas concordava e incentivava a intervenção militar em Kosovo como existiu uma cooperação direta do Reino Unido com as tropas enviadas da OTAN até o território de Kosovo e onde as batalhas eram travadas. Foram enviados cerca de 4.000 soldados britânicos para as missões de paz da OTAN.

Além disso, o Reino Unido pareceu estar bem à frente também aos cuidados humanitários da guerra, se preocupando com o fluxo de albaneses que deixavam Kosovo e iam se abrigar nos países vizinhos, como Macedônia e Albânia. As tropas britânicas ajudaram as agências humanitárias a lidar com este afluxo de refugiados, erguendo tendas, distribuindo alimentos e prestando assistência médica.

Assim como seus aliados, o governo britânico não possui nenhum posicionamento oficial que reconheça Kosovo como um país independente, entretanto, em diversos posicionamentos de políticos britânicos a frente do conflito o incentivo da construção de uma nova Kosovo baseado em eleições livres e no princípio do autogoverno para seu povo.

### **9.4. República da Albânia**

Por fazer parte de um dos países da região dos Balcãs, a Albânia é um dos agentes que está mais envolvido no conflito de Kosovo, principalmente pelo seu posicionamento bem ao lado da região, fazendo

com que os albaneses kosovares migrem diretamente para seu território. O governo albanês possui um posicionamento claro em relação à guerra, apoiando fortemente a intervenção da OTAN e reconhecendo Kosovo como um país independente.

A Albânia também se mostra ativa em esforços diplomáticos para mobilizar apoio internacional à causa kosovar, trabalhando com os Estados Unidos, União Europeia e outros aliados para garantir a eventual independência de Kosovo.

O governo albanês também traz como pontos principais das discussões do conflito as questões de ajuda humanitária, principalmente ao seu próprio território, que vem sendo abrigo a mais de 400.000 kosovares desabrigados e vítimas dos bombardeios locais. O país não possui estrutura para poder receber e abrigar tantos civis, principalmente aqueles que estão feridos e em situações de risco, então o governo se mostra à frente dos pedidos internacionais de ajuda para auxiliar nas questões imigratórias.

## **9.5. República Federativa do Brasil**

Durante o conflito de Kosovo, o Brasil e seus posicionamentos refletem uma abordagem mais cautelosa e baseada em princípios de não-intervenção e respeito à soberania dos Estados envolvidos. O posicionamento do governo brasileiro sempre foi muito focado em esforços para o andamento de acordos de paz e total intolerância quanto às infrações e violações de direitos humanos sofridos pelas vítimas albanesas.

Em relação à intervenção, o Ministério das Relações Exteriores brasileiro expressou preocupações sobre a intervenção da OTAN em Kosovo. O governo enfatizou a importância de resolver conflitos por meio de negociações diplomáticas e que a integridade e soberania territorial dos Estados deveria ser respeitada, estando então contra as ofensivas da OTAN na região. No entanto, apesar de se posicionar contra e repudiar os ataques agressivos da OTAN, o governo brasileiro reconhece que a

responsabilidade da violência que foi disseminada em Kosovo cai fortemente, embora não exclusivamente, na liderança da República Federal da Iugoslávia.

Acerca da independência de Kosovo, o Estado brasileiro não reconhece Kosovo como um país independente, mas em seus discursos fica claro o posicionamento sempre à favor da integridade da soberania dos países envolvidos.

Embora não tenha tido uma participação militar ou logística direta no conflito, o Brasil, através de suas agências e organizações não-governamentais, demonstrou solidariedade com os refugiados e deslocados internos de Kosovo. O Brasil participou de iniciativas internacionais para fornecer assistência humanitária àqueles afetados pelo conflito

## **9.6. República Islâmica do Irã**

A República Islâmica do Irã manteve um posicionamento crítico em relação ao conflito de Kosovo, se mantendo contra as intervenções militares da OTAN e estabelecendo as ofensivas como violações da soberania da Iugoslávia. O Irã aderiu aos princípios de soberania e não intervenção, defendendo que os assuntos internos de um país não devem ser resolvidos através de intervenções externas, respeitando a integridade territorial da Iugoslávia.

O governo iraniano foi bastante claro quanto às investidas de intervenção militar da OTAN, expressando suas preocupações que a intervenção unilateral da OTAN, sem autorização do CSNU, constituía uma violação da soberania da Iugoslávia e poderia estabelecer um precedente perigoso para futuras intervenções internacionais. Em seus posicionamentos, o governo argumentou que as ações da OTAN exacerbaram o conflito e a crise humanitária em vez de resolvê-las.

Quanto ao status de Kosovo enquanto país independente ou não, o posicionamento oficial do Irã era de não reconhecer Kosovo como país e apoio à integridade territorial da Iugoslávia.

O Irã esteve também envolvido em esforços humanitários para ajudar os refugiados kosovares. O Crescente Vermelho Iraniano, em cooperação com outras organizações humanitárias internacionais, forneceu assistência aos refugiados e deslocados internos, oferecendo alimentos, abrigo e cuidados médicos.

### **9.7. Estado da Líbia**

A Líbia adotou uma postura crítica em relação ao conflito de Kosovo, condenando as atitudes da OTAN em relação às intervenções militares e apoiando fortemente a integridade territorial da Iugoslávia, rejeitando os movimentos de independência.

Acerca da OTAN e suas ações, o governo da Líbia considerou as atitudes da OTAN como uma agressão injustificada contra a soberania da Iugoslávia e uma violação do direito internacional. O líder líbio, Muammar Gaddafi, acusou a OTAN de usar a intervenção como um pretexto para expandir sua influência militar e política dos Balcãs.

A Líbia participou de esforços diplomáticos para tentar mediar o conflito, embora sua influência diplomática fosse limitada. Gaddafi fez várias declarações públicas pedindo um cessar-fogo imediato e a retomada das negociações diplomáticas entre as partes envolvidas.

### **9.8. Bósnia e Herzegovina**

O posicionamento da Bósnia e Herzegovina em relação ao conflito de Kosovo foi um tanto complexo e influenciado pelas experiências recentes de guerra e conflitos internos.

Acerca dos ataques da OTAN e a intervenção militar, o governo central da Bósnia, que incluiu representantes de três principais etnias (bósnios, croatas e sérvios), apoiou a intervenção da OTAN integralmente.

O apoio foi motivado pelas experiências anteriores da intervenção da OTAN na Bósnia em 1995, que ajudou à finalização do conflito com os Acordos de Dayton. O governo via a intervenção da OTAN como um meio de prevenir genocídios e atrocidades similares às que ocorreram na Bósnia. Apesar de existir uma grande representação sérvia interna no país, o governo, após acordos de Dayton, se via impedido de uma oposição unificada quanto às ações da OTAN.

Em relação ao reconhecimento, a Bósnia e Herzegovina não reconhecia Kosovo como um estado independente, apoiando a soberania e integridade territorial da Sérvia.

Como o país tinha acabado de sair de um conflito intenso, não existiam muitas estruturas ou condições favoráveis para qualquer participação direta e militar no conflito de Kosovo. Os próprios acordos de paz limitavam a capacidade e vontade do país de se envolver militarmente. Entretanto, havia a iniciativa de participação de auxílios humanitários para ajudar os refugiados kosovares.

## **9.9. Romênia**

Em relação ao conflito, a Romênia mantém uma postura crítica e cautelosa a suas diversas facetas. Em relação ao envolvimento da OTAN, embora reconheça as complexidades e graves violações de direitos humanos que ocorrem no conflito, a Romênia não concorda com a intervenção militar na República Federativa da Iugoslávia. O governo romeno defende que a solução ideal para a crise em Kosovo deveria ter sido buscada através de negociações.

Ao se tratar do reconhecimento ou não de Kosovo, a Romênia não reconhece Kosovo como um país independente e apoia totalmente a integridade territorial da Iugoslávia, posicionando ao lado dos outros países que defendem a soberania e a inviolabilidade das fronteiras nacionais.

Apesar dos fortes posicionamentos acerca do conflito, a Romênia não possui uma participação direta. O país, na época um candidato à

adesão à OTAN, adotou uma postura de não interferência direta, embora tenha permitido o uso de seu espaço aéreo para missões humanitárias e de reconhecimento da aliança. Além disso, a Romênia participou de discussões regionais e internacionais sobre a crise, buscando promover uma resolução pacífica e sustentada pelas diretrizes do direito internacional.

### **9.10. República Federal da Iugoslávia**

A República Federal da Iugoslávia era constituída por Sérvia e Montenegro, incluindo o território do Kosovo, sobre o qual havia autoridade. Vale destacar a diferença entre a Iugoslávia original (República Socialista Federativa da Iugoslávia), que abrangia os 6 países balcânicos - Croácia, Eslovênia, Bósnia, Macedônia, Montenegro e Sérvia - e a República Federal da Iugoslávia, a qual será considerada no comitê, que, na prática, defendia os interesses da Sérvia. A posição do país é de que o território do Kosovo representa, historicamente, um símbolo de resistência dos sérvios, derivado da Batalha do Kosovo de 1389, no qual o povo sérvio lutou contra a dominação otomana. Além disso, vale destacar que a Sérvia sempre foi o grande defensor da união eslava, apoiando a ideia de junção dos povos balcânicos em um só. Desse modo, a República Federal da Iugoslávia defendia que a área do Kosovo pertencia, secularmente, à Sérvia, afirmando a ilegitimidade do movimento separatista, embora este fosse a vontade da maioria dos habitantes da região.

Nesse sentido, a Iugoslávia sempre rejeitou a OTAN, acusando-a de se envolver nos conflitos balcânicos em razão da proximidade com a Rússia e do interesse estadunidense de eliminar o socialismo por completo. Para os sérvios, então, a OTAN representa um instrumento dos países capitalistas de garantir o seu poder no Leste Europeu, e suas intervenções nos conflitos iugoslavos, incluindo na Guerra do Kosovo, eram motivadas por interesses político-econômicos, escondidos pela

narrativa ocidental de defesa dos direitos humanos, o que seria uma cortina de fumaça.

Além disso, a Sérvia, Estado que sucede a Iugoslávia, não reconhece o Kosovo, sendo a principal apoiadora de sua ilegitimidade. Possui, também, o maior histórico de intervenções na região, pois era a que mais interessava pela preservação do território unificado, sobretudo por motivos nacionalistas e históricos. Entretanto, a forma com que o governo sérvio lidou com a população kosovar albanesa, que representava maioria na região, explicitou a discriminação e a limpeza étnica pela qual esse povo passou durante o regime de Milošević, apoiado por grande parte da parcela sérvia da população.

### **9.11. Federação Russa**

A Federação Russa corresponde a um grande aliado da Sérvia e, portanto, da Iugoslávia, em vista das semelhanças dos países, que compartilham a etnia eslava e o histórico de regimes socialistas. Desse modo, a Rússia não reconhece a independência do Kosovo, acusando o movimento da autonomia kosovar de ferir a soberania sérvia.

Um ponto interessante acerca da Rússia neste tema é a enorme semelhança existente entre o Kosovo e a Chechênia. Ambas as regiões possuem maioria populacional muçulmana, mas foram governadas e subordinadas a países cristãos ortodoxos, de maior poderio militar. Além disso, a Chechênia também lutou por sua independência, em determinado momento simultaneamente à Guerra do Kosovo, entre as décadas de 1990 e 2000, resultando em milhares de mortos, refugiados e crimes contra os Direitos Humanos. Tendo em vista esse contexto, a Rússia temia uma mobilização internacional dirigida à Chechênia, análoga à situação do Kosovo, defendendo, então, a Sérvia e denunciando a suposta ilegalidade dos separatistas albaneses.

Além desse fato, os russos tiveram certa participação no conflito do Kosovo: logo após o fim oficial da Guerra do Kosovo, em 12 de junho de 1999, havia um acordo de paz entre a OTAN e as autoridades

iugoslavas, no qual estava prevista a chegada de tropas ao território kosovar, como forma de manutenção da paz e de proteção ao Kosovo. Entretanto, a Rússia, com a mesma premissa de preservação da ordem, coloca as suas forças militares no Kosovo sem a permissão da OTAN, chegando ao Aeroporto de Pristina anteriormente ao exército da aliança ocidental, provocando a paralisação do aeroporto e uma grande confusão diplomática. Esse incidente foi resolvido nos meses seguintes, mas evidenciou as discordâncias entre os russos e a OTAN, explicitando a defesa primária dos interesses destes grupos acima da resolução do conflito em si.

### **9.12. Ucrânia**

A Ucrânia apoia a integridade territorial da Sérvia, tendo em vista seu histórico apoio à integridade territorial de estados soberanos e o sentimento de afinidade com os sérvios por serem ortodoxos orientais. Assim, seu envolvimento no conflito está relacionado aos aspectos culturais nele presentes.

Entretanto, o país almeja uma solução diplomática para o conflito. Assim, integra a parcela de países que expressam preocupações sobre a legitimidade da intervenção militar da OTAN sem autorização do Conselho de Segurança das Nações Unidas

A Ucrânia está altamente inclinada a contribuir com a restauração da paz por meio das forças de manutenção da paz ucranianas, disponíveis para realização de evacuações e operações de resgate. Dessa forma, uma vez que a paz rápida não está sendo concretizada, os militares ucranianos têm o potencial de agir de maneira neutra na região, cumprindo tarefas definidas pelas lideranças militares.

### **9.13. República Helênica**

As relações entre a Grécia e a Sérvia são antigas, com uma interação significativa ao longo da história. As relações modernas entre os dois países têm sido marcadas por altos e baixos, especialmente durante os tumultuosos eventos do século XX nos Bálcãs. Após a dissolução da Iugoslávia na década de 1990, as relações entre a Grécia e a Sérvia foram influenciadas por questões como a Guerra da Bósnia, a Guerra do Kosovo e a relação da Sérvia com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), na qual a Grécia é membro.

No entanto, apesar das diferenças políticas em certos momentos, as duas nações compartilham laços históricos, culturais e econômicos significativos. Ademais, o posicionamento da Grécia em relação à guerra de Kosovo e aos bombardeios da OTAN em 1999 é bastante complexo. Historicamente, a Grécia mantém fortes laços com a Sérvia e é contrária à independência do Kosovo. No entanto, também faz parte da OTAN e está sob pressão para apoiar as ações da aliança. Como resultado, a Grécia inicialmente expressou ressalvas em relação aos bombardeios, mas acabou apoiando a ação coletiva da OTAN. O governo grego estava preocupado com as consequências para a estabilidade da região dos Bálcãs, mas ao mesmo tempo buscava equilibrar suas relações com a OTAN e seus laços históricos com a Sérvia.

Entretanto, em termos de envolvimento direto em combate, a Grécia não esteve tão ativamente envolvida quanto alguns outros membros da OTAN. O papel da Grécia foi mais voltado para o apoio logístico e a coordenação de esforços com outros membros da aliança.

### **9.14. República Popular da China**

Em 1999, a China se posicionou firmemente contra a intervenção da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) na Guerra do Kosovo. A posição oficial da China era de oposição aos bombardeios da OTAN na

então Iugoslávia, que incluíam alvos na província de Kosovo, uma região disputada onde ocorria um conflito étnico entre sérvios e albaneses.

A China expressou preocupações sobre a violação da soberania e integridade territorial da Iugoslávia pela OTAN, argumentando que a ação militar unilateral representava uma interferência nos assuntos internos de um país soberano e violava os princípios da Carta das Nações Unidas.

Além disso, a China estava preocupada com a possibilidade de que a intervenção da OTAN pudesse estabelecer precedentes perigosos para outras situações de conflito em todo o mundo, especialmente considerando o seu próprio histórico de conflitos étnicos e separatistas, como na região de Xinjiang.

Assim, a China se juntou a outros países, como a Rússia, em sua oposição aos bombardeios da OTAN no Kosovo, defendendo uma solução diplomática e negociada para o conflito.

Além disso, durante a Guerra do Kosovo em 1999, a China não interferiu diretamente no conflito. Sua intervenção se deu principalmente no campo diplomático, expressando sua forte oposição aos bombardeios da OTAN na Iugoslávia e defendendo uma solução pacífica e negociada para o conflito, usando a sua posição como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU para expressar suas preocupações e tentar influenciar o curso dos acontecimentos por meio de diplomacia multilateral. Além disso, o governo chinês promoveu esforços diplomáticos para buscar uma solução pacífica para o conflito, incentivando negociações entre as partes envolvidas.

### **9.15. República Federal da Alemanha**

A Alemanha desempenhou um papel significativo no conflito, especialmente como parte da OTAN. A Alemanha, juntamente com outros países membros da OTAN, apoiou fortemente a intervenção militar na Iugoslávia para deter a limpeza étnica e os abusos dos direitos humanos cometidos pelo regime de Slobodan Milosevic no Kosovo.

Em particular, a Alemanha havia sido um dos primeiros países europeus a reconhecer a independência da Croácia e da Eslovênia após a dissolução da Iugoslávia em 1991. Isso refletiu um forte apoio a uma abordagem mais pró-Occidente nos Bálcãs e uma posição crítica em relação ao regime de Milosevic.

Durante a Guerra do Kosovo, a Alemanha contribuiu com forças militares para as operações da OTAN e desempenhou um papel ativo nos esforços diplomáticos para resolver o conflito. O governo alemão sustentou que a intervenção militar era necessária para proteger os civis kosovares e para promover a estabilidade na região dos Bálcãs, sem contar que a Alemanha contribuiu com forças militares para a intervenção. As contribuições incluíram fornecimento de aeronaves de combate, apoio logístico e pessoal militar para as operações da OTAN.

Além disso, o país desempenhou um papel importante nos esforços diplomáticos para resolver o conflito, buscando soluções políticas e diplomáticas para a crise no Kosovo. O governo alemão trabalhou em estreita colaboração com outros países membros da OTAN e parceiros internacionais para promover uma abordagem coordenada para resolver a crise.

Embora a Alemanha não tenha uma presença militar tão significativa quanto alguns outros países membros da OTAN, sua participação nas operações militares e seus esforços diplomáticos foram considerados importantes para o esforço global para conter a violência e buscar uma solução para o conflito no Kosovo.

### **9.16. República da Croácia**

Durante o período da Guerra do Kosovo, a Croácia apoiou as ações da OTAN e da comunidade internacional contra o regime de Slobodan Milosevic na Iugoslávia. A Croácia, que havia conquistado sua independência em 1991, após a dissolução da antiga Iugoslávia, tinha experiência própria com conflitos étnicos e estava preocupada com a instabilidade na região dos Bálcãs.

A Croácia enfrentou tensões étnicas e conflitos armados em sua própria luta pela independência, e havia recebido apoio internacional durante esse período. Portanto, durante a Guerra do Kosovo, a Croácia via as ações da OTAN como uma forma de conter a violência e os abusos dos direitos humanos no Kosovo, e também como uma maneira de enfraquecer o regime de Milosevic, que era visto como uma ameaça à estabilidade regional.

O país também estava preocupado com a possibilidade de o conflito se espalhar para além das fronteiras do Kosovo, afetando a estabilidade regional. Como tal, apoiou os esforços internacionais para resolver a crise de forma rápida e decisiva.

Além disso, a Croácia havia estabelecido relações mais próximas com os países ocidentais e com a OTAN desde sua independência, e via a integração com as instituições euro-atlânticas como uma forma de garantir sua própria segurança e estabilidade.

Ademais, a Croácia desempenhou um papel significativo na prestação de apoio logístico e humanitário aos refugiados kosovares que fugiram para o território croata para escapar dos combates e das atrocidades cometidas pelo exército iugoslavo.

A Croácia, como um país vizinho do Kosovo, abriu suas fronteiras e estabeleceu campos de refugiados para receber e fornecer assistência aos kosovares deslocados. Além disso, a Croácia também participou de esforços diplomáticos para resolver a crise no Kosovo, apoiando os esforços da comunidade internacional para encontrar uma solução pacífica para o conflito.

No entanto, é importante notar que a Croácia estava lidando com seus próprios desafios políticos e econômicos na época, incluindo a reconstrução pós-guerra e a consolidação de sua própria democracia após a guerra de independência da década de 1990. Portanto, embora a Croácia não tenha intervindo militarmente no conflito no Kosovo, desempenhou um papel humanitário importante ao fornecer assistência aos refugiados kosovares e apoiar os esforços diplomáticos para resolver a crise.

### **9.17. Antiga República Iugoslava da Macedônia**

A Antiga República Iugoslava da Macedônia (ARYM) enfrentou desafios significativos devido à sua proximidade geográfica com o Kosovo e sua população étnica albanesa.

Inicialmente, a Macedônia adotou uma posição de neutralidade no conflito, buscando preservar sua estabilidade interna e evitar ser arrastada para o conflito regional. No entanto, a crise no Kosovo teve impactos diretos na Macedônia, especialmente devido ao fluxo de refugiados kosovares em seu território.

Ademais, o país enfrentou uma crise humanitária devido ao grande número de refugiados que fugiram do Kosovo para escapar da violência e dos bombardeios. Essa crise colocou pressão significativa sobre os recursos e a capacidade do governo macedônio de lidar com a situação.

Além disso, a presença de uma população albanesa significativa na Macedônia levantou preocupações sobre a possibilidade de instabilidade interna e potencial desdobramento do conflito étnico para o território macedônio.

Diante desses desafios, a Macedônia buscou uma abordagem equilibrada, colaborando com a comunidade internacional para fornecer assistência humanitária aos refugiados kosovares enquanto também buscava preservar sua estabilidade interna.

Portanto, o posicionamento da Macedônia durante a Guerra do Kosovo foi caracterizado principalmente pela busca de neutralidade no conflito, ao mesmo tempo em que enfrentou desafios internos e externos, decorrentes da crise no Kosovo.

### **9.18. República da Finlândia**

A Finlândia, como um país neutro e não membro da OTAN, manteve uma posição oficial de neutralidade em relação ao conflito. A política externa finlandesa tradicionalmente se baseia no princípio de não

participação em alianças militares, visando preservar a segurança e a estabilidade do país.

Portanto, a Finlândia não participou das operações militares da OTAN no Kosovo. Em vez disso, concentrou-se em esforços diplomáticos para promover uma resolução pacífica do conflito. A Finlândia apoiou os esforços da comunidade internacional, incluindo a ONU e a UE, para encontrar uma solução negociada para a crise no Kosovo, baseada no respeito aos direitos humanos e à soberania territorial.

Além disso, a Finlândia estava preocupada com os desdobramentos do conflito na região e seus possíveis impactos na segurança e na estabilidade da Europa. Como país vizinho da Rússia e com laços comerciais e culturais com outros países europeus, a Finlândia buscava manter relações construtivas com todas as partes envolvidas e desempenhar um papel ativo na promoção da paz e da estabilidade na região.

Logo, assim como muitos outros países, a Finlândia contribuiu com assistência humanitária para a região, especialmente para ajudar os refugiados kosovares que fugiram do conflito. Essa assistência poderia incluir doações financeiras, suprimentos médicos, alimentos, abrigo e outros tipos de ajuda humanitária.

### **9.19. República da Índia**

A Índia, desde a Guerra do Kosovo, não reconhece a independência do país, reiterando a soberania sérvia como aspecto fundamental a ser preservado. A posição indiana acerca desse tópico é consistente, alegando que o reconhecimento do Kosovo poderia levar a precedentes para diversos movimentos separatistas no mundo, inclusive dentro do próprio território indiano, como a Caxemira, Assão, Calistão e diversos outros grupos que reivindicam a sua autonomia. Assim, não reconhecer o Kosovo, por meio da justificativa da unilateralidade de sua declaração de independência, representa uma estratégia política da Índia de não gerar precedentes para os seus próprios conflitos internos.

Além disso, a Índia demonstrou o seu posicionamento pró-sérvia ao não conceder visto para um atleta de boxe kosovar, apesar de a Federação Indiana de Boxe e a Associação Olímpica terem autorizado a participação do atleta em uma competição. Vale, também, destacar o fato de a Índia, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, adotar uma política de não interferência nos assuntos de outros Estados, considerando, portanto, o conflito do Kosovo como um problema exclusivo entre Sérvia e Kosovo.

Por fim, a Índia não interferiu, nem direta ou indiretamente na Guerra do Kosovo, alegando, igualmente à sua posição atual, a não interferência nas problemáticas dos Estados alheios.

## **9.20. República de Belarus**

A Bielorrússia defende a Sérvia na questão do Kosovo, definindo a declaração de independência de 2008 como um ataque à soberania sérvia, e que vai de encontro às resoluções do CSNU e dos acordos de paz feitos em 1999. O Ministério das Relações Exteriores do país afirmou, também, que a autodeterminação da população albanesa kosovar já havia sido estabelecida ao fim da Guerra do Kosovo, sendo garantida tanto pela lei da Sérvia como pelas resoluções da ONU.

O Estado da Bielorrússia, portanto, reforça a ideia de resistência do leste europeu contra a suposta ameaça da OTAN de interferência nos assuntos dos países da região. Entretanto, a Bielorrússia, assim como a Rússia, oficialmente, fazem parte do programa de Parceria para a Paz (PfP), que consiste em uma tentativa de cooperação entre a OTAN e países não membros da organização, parceria esta que, na contemporaneidade, não se aplica de fato, havendo uma tensão constante entre a OTAN e a Bielorrússia. Durante a Guerra do Kosovo, a Bielorrússia, juntamente à Rússia e à Índia, manifestou, no Conselho de Segurança, a indignação dos países com a intervenção militar realizada pela OTAN, feita sem a autorização do órgão das Nações Unidas.

O país, para mais, não interferiu diretamente na guerra, manifestando, em discurso, o seu apoio à Iugoslávia e o repúdio às ações da OTAN.

### **9.21. Reino da Suécia**

O Reino da Suécia reconhece a soberania do Kosovo, tendo estabelecido, inclusive, uma embaixada kosovar em Estocolmo, um ano após a declaração de independência do país. Para além disso, o governo sueco também deve participação na Guerra do Kosovo, ao enviar tropas para a KFOR (Força do Kosovo), enfatizando o apoio da Suécia à OTAN, visto também em outras ocasiões, como na Guerra da Bósnia e no Afeganistão.

É importante destacar, ainda, o fato de um grande grupo de kosovares albaneses ter migrado para a Suécia, sobretudo nos anos 1990, fazendo com que haja uma forte comunidade albanesa no país, que é valorizada pelo Estado, com o ensino do idioma albanês em escolas suecas. Existe, também, uma tendência de ampliação das parcerias cooperativas bilaterais entre o Kosovo e a Suécia, estreitando os laços entre os países.

### **9.22. Reino da Espanha**

A Espanha não reconhece a independência do Kosovo, tendo enfatizado o fato de a unilateralidade da declaração de autonomia não respeitar a lei internacional. Vale ressaltar, também, a existência de regiões dentro do território espanhol que reivindicam sua emancipação de Madri, como o País Basco e a Catalunha, o que torna, do ponto de vista político, inviável ao governo espanhol reconhecer declarações unilaterais de independência, de modo a não abrir precedentes para seus casos internos.

Entretanto, apesar de não aprovar a independência do Kosovo, o governo espanhol manifestou seu apoio ao desenvolvimento da nação, e

passou a reconhecer, a partir de janeiro de 2024, os passaportes kosovares. Além disso, o país, membro da OTAN, contribuiu com as intervenções pró-Kosovo, ao enviar jatos de guerra à região de conflito.

### **9.23. República da Armênia**

A Armênia adotou uma postura de neutralidade, prática comum entre nações que não possuem interesses diretos envolvidos e que buscam evitar tensões com as grandes potências envolvidas.

Em 1998, a Armênia mantinha uma relação estreita com a Rússia, que se opôs firmemente à intervenção da OTAN em Kosovo. Portanto, a Armênia se aliou de forma implícita à posição russa ou, pelo menos, evitando manifestar apoio à intervenção da OTAN.

A política externa armênia naquele período era caracterizada pela cautela, com foco principal nos desafios internos e regionais, como o conflito de Nagorno-Karabakh com o Azerbaijão. Entretanto, o país não deixa de apresentar potencial para contribuir com possíveis missões de paz na região de Kosovo com supervisão da Organização das Nações Unidas para atividades como patrulhamento e segurança dos postos.

### **9.24. República de Kosovo**

Em 1989, quando o presidente sérvio Milošević restringe a autonomia das nações iugoslavas, o então líder da Liga Democrática do Kosovo (LDK), que viria a ser o presidente kosovar de 1992 a 2006, Ibrahim Rugova, adota uma política de protestos pacíficos contra a imposição sérvia, lutando pela independência do Kosovo por meio da promoção da paz, ideia perpetuada pela LDK. O governo do Kosovo, então, manteve essa postura durante a década de 1990, sendo, por um período, relativamente bem sucedida, evitando a ocorrência de conflitos armados.

Contudo, após o fim das Guerras da Bósnia e da Croácia, o autoritarismo de Milošević na região do Kosovo persistiu, de modo a impulsionar o desenvolvimento de grupos albaneses paramilitares, que

passaram a confrontar a repressão e a segregação promovidas pela Iugoslávia, sendo o Exército pela Libertação do Kosovo (KLA) o mais relevante destes. Vale ressaltar, entretanto, que neste comitê a representação kosovar a ser considerada será a Liga Democrática do Kosovo, que, apesar de não ter tido participação ativa na guerra, correspondia ao governo legítimo da nação e fez parte de diálogos de negociação durante o conflito. O partido e o KLA divergiam entre si com relação aos confrontos bélicos, sendo opositores políticos, com diversas denúncias de sequestros, torturas e assassinatos do KLA aos seus oponentes.

O Kosovo, então, lutou pela sua independência, e, contemporaneamente, ainda segue na sua missão de ser reconhecido mundialmente como Estado soberano.

### **9.25. República da Eslovênia**

A Eslovênia foi a primeira república a se separar oficialmente da Iugoslávia, e um dos primeiros países a reconhecer a autonomia do Kosovo em março de 2008, duas semanas após a declaração de independência da nação. O país foi marcado, assim como o Kosovo, a Bósnia e a Croácia, pela resistência da Sérvia em aceitar a separação das nações anteriormente pertencentes à Iugoslávia. Em 25 de junho de 1991, a Eslovênia declara independência da Iugoslávia, acusando-a de dominar, injustamente, o governo da união, que reage com invasões ao território esloveno, resultando na Guerra dos Dez Dias. Este conflito foi o mais curto e o menos violento dos confrontos iugoslavos pós-Guerra Fria, e encerrou-se rapidamente devido à grande comoção mundial e ao fato de a Iugoslávia estar envolvida, à época, com a Guerra de Independência da Croácia, o que fez com que o Exército Popular Iugoslavo não quisesse gastar seus recursos e tropas.

O país entrou na OTAN em 2004, e desde então apoia a Força do Kosovo (KFOR). Durante a Guerra do Kosovo, o governo lamentou as intervenções militares, mas enfatizou a necessidade de sua ocorrência,

sobretudo, em razão da conduta agressiva da Sérvia, que ameaçou a democracia e a paz nos Balcãs por mais de uma década.

## 10. Considerações Finais

Tendo por fundamento a proposta do projeto da ONU Colegial, juntamente aos princípios da Rede Jesuíta de Educação, o Conselho de Segurança Histórico representa um desafio aos estudantes que dele participam. Vocês, caros delegados, terão a missão de construir um debate bem embasado, enriquecedor e que caminhe para uma resolução simultaneamente dentro dos valores das Nações Unidas e positiva para a Pólex de sua respectiva delegação, que pode culminar em um mesmo destino para o Kosovo, ou não.

Para além disso, ressaltamos a importância do cuidado que se deve ter, ao discutir temas do passado, sobretudo, ao simular um debate histórico, evitando anacronismos e o uso de dados posteriores à data de debate do comitê. Assim, encarem a historicidade deste comitê como uma possibilidade a mais de estímulo de aprendizado, buscando compreender melhor os pontos de vista de outra época. Vale destacar, também, a necessidade de alianças a serem feitas no comitê, considerando que nem todas as 25 delegações terão direito a voto, e sempre respeitando a fidelidade à Pólex de suas representações em primeira instância, acima, inclusive, de convicções pessoais.

Por fim, desejamos a todos os delegados uma excelente simulação, enfatizando a imprescindibilidade dos estudos prévios, os quais devem ir além da leitura deste guia de estudos, de forma a potencializar o nível do debate, transformando-o em um evento agregador para todos os envolvidos.

A Mesa Diretora, com prazer, se encontra à sua disposição, para apoiá-los em quaisquer dúvidas, perguntas, receios, recomendações ou conflitos que venham a surgir, salientando que o objetivo central da ONU Colegial consiste no desenvolvimento de vocês, estudantes do Colégio Antônio Vieira. Desejamos boa sorte neste trajeto trabalhoso, agregador e, certamente, valioso para cada um dos delegados.

Cordialmente,

Nuno Vitale, Gabriela Pinheiro, Leonardo Lacerda e Maria Clara  
Gitirana.

## 11. Referências

<https://www.un.org/securitycouncil/content/current-members>

<https://www.un.org/securitycouncil/content/what-security-council>

[https://www.infopedia.pt/artigos/\\$etnia#:~:text=O%20termo%20etnia%20diz%20respeito,níveis%20de%20solidariedade%20e%20identificação.](https://www.infopedia.pt/artigos/$etnia#:~:text=O%20termo%20etnia%20diz%20respeito,níveis%20de%20solidariedade%20e%20identificação.)

[https://www.cchla.ufpb.br/redhbrasil/wp-content/uploads/2014/04/mod\\_3\\_3.3.1a\\_-etnicidade\\_elio.pdf](https://www.cchla.ufpb.br/redhbrasil/wp-content/uploads/2014/04/mod_3_3.3.1a_-etnicidade_elio.pdf)

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/15460/1/201496887.pdf>

<https://causaoperaria.org.br/2023/o-que-e-limpeza-etnica/>  
<https://www.redalyc.org/pdf/5882/588265667008.pdf>

<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/what-is-genocide>

<https://www.jusbrasil.com.br/artigos/voce-sabe-o-que-e-genocidio/1181891872>

<https://www.politize.com.br/nacionalismo/#:~:text=O%20nacionalismo%20%C3%A9%20uma%20ideologia,cantar%20o%20hino%20nacional%2C%20etc.>

<https://doi.org/10.1080/01419870.1996.9993899>

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BWRjLhJNcJf7ygmLcr6X5ry/?format=pdf&lang=pt>

<https://www.britannica.com/topic/Kosovo-Liberation-Army>

<https://exit.al/en/war-memories-of-a-female-kla-fighter-fighting-for-freedom-was-my-greatest-luck/>

[https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics\\_48818.htm](https://www.nato.int/cps/en/natolive/topics_48818.htm)

[https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/sa/sa\\_sep00chs01.html](https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/sa/sa_sep00chs01.html)

<https://www.google.com/url?sa=i&url=https%3A%2F%2Fwww.todamateria.com.br%2Fimperio-romano%2F&psig=AOvVaw3-yaKROTWiuQRUIIn5QqrjG&ust=1715641468867000&source=images&cd=vfe&opi=89978449&ved=0CBQQjhxdqFwoTCJiMydSciYYDFQAAAAAdAAAAABAS>

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiwtsT6nImGAXOJrkGHdIJBAsQFnoECDgQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.britannica.com%2Fplace%2FBalkans&usg=AOvVaw3NmROCryXSoBvbk\\_\\_TgeZR&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiwtsT6nImGAXOJrkGHdIJBAsQFnoECDgQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.britannica.com%2Fplace%2FBalkans&usg=AOvVaw3NmROCryXSoBvbk__TgeZR&opi=89978449)

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiwtsT6nImGAXOJrkGHdIJBAsQFnoECDIQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.washingtonpost.com%2Fwp-srv%2Finatl%2Flongterm%2Fbalkans%2Ftimeline.htm&usg=AOvVaw0o\\_Iepiu8zgASxVtAK-PYN&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiwtsT6nImGAXOJrkGHdIJBAsQFnoECDIQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.washingtonpost.com%2Fwp-srv%2Finatl%2Flongterm%2Fbalkans%2Ftimeline.htm&usg=AOvVaw0o_Iepiu8zgASxVtAK-PYN&opi=89978449)

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwiwtsT6nImGAXOJrkGHdIJBAsQFnoECFAQAQ&url=https%3A%2F%2Fstudy.com%2Facademy%2Flesson%2Fconflict-in-the-balkans-causes-events.html&usg=AOvVaw24-H5lQrLMhIAIDmIcFxsJ&opi=89978449>

<https://www.grida.no/resources/6859>

<https://cliohistoriaeliteratura.com/2020/06/15/batalha-do-kosovo-hoje-na-historia/>

<https://medium.com/lessons-from-history/the-battle-of-kosovo-polje-1389-9810de76c538>

<https://www.historytoday.com/archive/battle-kosovo-1389>

<https://www.britannica.com/event/Battle-of-Kosovo-1389-Balkans>

<https://revista.pucminas.br/revista/materia/os-cem-anos-do-fim-do-imperio-otomano/>

<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-queda-de-constantinopla/>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-media/queda-de-constantinopla.htm>

<https://www.youtube.com/watch?v=IRyzKUXDqoA>

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c2l3exw1wjlo>

<https://www.britannica.com/topic/Balkan-Wars>

<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia/balcas---nasce-a-iugoslavia-das-guerras-balcanicas-ao-reinado-de-alexandre-1.htm>

<https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/a-crise-nos-balcas.htm>

<https://noticias.r7.com/internacional/estopim-da-1-guerra-balcas-ainda-sofrem-efeitos-do-conflito-29062022/>

<https://www.britannica.com/summary/Balkan-Wars>

<https://byjus.com/current-affairs/balkan-wars/>

<https://www.bbc.com/news/world-europe-17632399>

[https://www.icty.org/x/cases/slobodan\\_milosevic/cis/en/cis\\_milosevic\\_slobodan.pdf](https://www.icty.org/x/cases/slobodan_milosevic/cis/en/cis_milosevic_slobodan.pdf)

<https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/milosevic-era-conhecido-como-o-carniceiro-dos-balcas-9xig1kwcezaqp4bauteej9pam/>

<https://www.britannica.com/place/Yugoslavia-former-federated-nation-1929-2003/The-third-Yugoslavia>

[https://www.yuhistorija.com/yug\\_first\\_txt01.html](https://www.yuhistorija.com/yug_first_txt01.html)

<https://www.britannica.com/biography/Slobodan-Milosevic>

<https://www.bbc.com/news/world-europe-17913357>

<http://www.webgeo.net.br/2018/11/lembra-da-iugoslavia.html>

<https://www.youtube.com/watch?v=VdyINDSnR1k>

<https://www.youtube.com/watch?v=C199Zt9pqKo>

<https://www.britannica.com/event/Bosnian-War>

<https://srebrenica.org.uk/what-happened/history/breakup-yugoslavia>

<https://www.deseret.com/2023/2/25/23590279/kosovo-war-anniversary-what-happened/https://www.britannica.com/event/Kosovo-conflict>

<https://www.pbs.org/wgbh/pages/frontline/shows/kosovo/etc/cron.html>

<https://apnews.com/article/kosovo-serbia-recak-massacre-342a0b7bf31573ccc853705f1911c52f>

<https://pt.quora.com/Por-que-o-massacre-de-Racak-%C3%A9-t%C3%A3o-pol%C3%AAmico>

[https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Refugiados\\_do\\_Kosovo\\_na\\_Alb%C3%A2nia#cite\\_note-3-6](https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Refugiados_do_Kosovo_na_Alb%C3%A2nia#cite_note-3-6)

<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1446925/>

<http://neuron.mefst.hr/docs/CMJ/issues/2002/43/2/11885046.pdf>

[https://en.m.wikipedia.org/wiki/1981\\_protests\\_in\\_Kosovo](https://en.m.wikipedia.org/wiki/1981_protests_in_Kosovo)

<https://www.tutorchase.com/answers/ib/history/what-was-the-impact-of-the-rambouillet-conference-on-the-kosovo-conflict>

<https://www.unhcr.org/sites/default/files/legacy-pdf/3e2d4d5f7.pdf>

<https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/BWRjLhJNcJf7ygmLcr6X5ry/>

<https://press.un.org/en/2023/sc15461.doc.htm>

<https://www.afhistory.af.mil/FAQs/Fact-Sheets/Article/458957/1999-operation-allied-force/>

<https://www.afhistory.af.mil/FAQs/Fact-Sheets/Article/458957/1999-operation-allied-force/>

[https://www.mpil.de/files/pdf2/mpunyb\\_francioni\\_4.pdf](https://www.mpil.de/files/pdf2/mpunyb_francioni_4.pdf)

<https://www.clintonlibrary.gov/sites/default/files/documents/kosovo-press-1999.pdf>

<https://millercenter.org/the-presidency/presidential-speeches/march-24-1999-statement-kosovo>

<https://1997-2001.state.gov/www/statements/1999/990324.html>

<https://1997-2001.state.gov/statements/1999/990422a.html>

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjD6NCV-LGGAxVbpbUChbO1BW0QFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.cato.org%2Ftestimony%2Fus-role-kosovo&usq=AOvVaw29\\_ABC\\_f9aRPOn16RsmFMx&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjD6NCV-LGGAxVbpbUChbO1BW0QFnoECA4QAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.cato.org%2Ftestimony%2Fus-role-kosovo&usq=AOvVaw29_ABC_f9aRPOn16RsmFMx&opi=89978449)

[https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics\\_49602.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/topics_49602.htm)

[https://www.afmc.af.mil/Portals/13/HQ%20AFMC%20HO%20Special%20Study%2019-02\\_Operation%20Allied%20Force.pdf](https://www.afmc.af.mil/Portals/13/HQ%20AFMC%20HO%20Special%20Study%2019-02_Operation%20Allied%20Force.pdf)

<https://onu.delegfrance.org/serbia-kosovo-france-recalls-the-need-to-stabilize-the-situation-on-the-ground>

<https://www.afjournal.ru/en/2019/4/world-politics/kosovo-conflict-and-frances-role-in-its-resolution>

<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/national/daily/sept99/airwar20.htm>

<https://shs.hal.science/halshs-04078383/document>

<https://www.diplomatie.gouv.fr/en/country-files/kosovo/france-and-kosovo-65040/>

<https://apps.dtic.mil/sti/tr/pdf/ADA399308.pdf>

<https://www.elysee.fr/jacques-chirac/1999/03/24/declaration-de-m-jacques-chirac-president-de-la-republique-sur-les-raisons-de-la-decision-dune-action-militaire-de-lotan-en-serbie-et-au-kosovo-berlin-le-24-mars-1999>

<https://www.elysee.fr/jacques-chirac/1999/04/23/conference-de-presse-de-m-jacques-chirac-president-de-la-republique-sur-lintervention-militaire-de-lotan-en-serbie-et-au-kosovo-a-washington-le-23-avril-1999>

<https://documents.un.org/doc/undoc/pro/n98/861/79/pdf/n9886179.pdf?token=k6hbQ0PDd86s5HVxik&fe=true>

<https://www.nam.ac.uk/explore/kosovo#:~:text=In%201999%2C%20British%20soldiers%20deployed,to%20ensure%20security%20and%20stability.>

<https://www.reuters.com/world/europe/british-troops-patrol-kosovo-serbia-border-tensions-remain-high-2023-11-25/>

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi-roHqlrKGAXVSpZUCHcQzClcQFnoECBEQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.theguardian.com%2Fworld%2F1999%2Fmar%2F27%2Ftonyblair&usg=AOvVaw0aAxUyV8lWmgwW8sLk4xIQ&opi=89978449>

<https://hansard.parliament.uk/Commons/1999-05-05/debates/1eaec385-0b35-46b9-bf31-41df028d71d8/KosovoRefugees>

<https://hansard.parliament.uk/Commons/1999-04-19/debates/7cf56b01-ce97-43e4-a350-47f0336c50bf/Kosovo>

<https://www.gov.uk/government/organisations/foreign-commonwealth-office>

<https://www.gov.uk/government/organisations/ministry-of-defence>

<https://punetejashtme.gov.al/en/kuvend-ministri-hasani-kosova-prioritet-absolut-i-politikes-se-jashtme-te-shqiperise/>

<https://punetejashtme.gov.al/en/takimi-i-katert-nderqeveritar-shqiperi-kosove/>

<https://www.nato.int/docu/comm/1999/9904-wsh/pres-eng/20kosov.pdf>

<https://www.unhcr.org/africa/sites/afr/files/legacy-pdf/3ba0bbeb4.pdf>

<https://www.imf.org/external/np/loi/1999/052299.htm>

[https://1997-2001.state.gov/global/human\\_rights/kosovoii/homepage.html](https://1997-2001.state.gov/global/human_rights/kosovoii/homepage.html)

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwikmdvdtLSGAXUarJUCHa8NDVgQFnoECBgQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.unhcr.org%2Fafrica%2Fsites%2Fafr%2Ffiles%2Flegacy-pdf%2F3ba0bbeb4.pdf&usq=AOvVaw0WDO3IA65Jc\\_x39kbWrznT&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwikmdvdtLSGAXUarJUCHa8NDVgQFnoECBgQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww.unhcr.org%2Fafrica%2Fsites%2Fafr%2Ffiles%2Flegacy-pdf%2F3ba0bbeb4.pdf&usq=AOvVaw0WDO3IA65Jc_x39kbWrznT&opi=89978449)

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwikmdvdtLSGAXUarJUCHa8NDVgQFnoECBkQAO&url=https%3A%2F%2Fwww.unhcr.org%2Fpublications%2Fkosovo-refugee-crisis-independent-evaluation-unhcrs-emergency-preparedness-and&usq=AOvVaw3p2v7XfLgkzVoJkVWbEzO2&opi=89978449>

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwjlkafXtLSGAXUimZUCHTroCmcQFnoECBMQAQ&url=https%3A%2F%2Fwww1.folha.uol.com.br%2Ffsp%2Fmundo%2Fft17069907.htm&usq=AOvVaw0KM8yOIZyEyzVSkO9KoNCK&opi=89978449>

<https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi1xJTUtLSGAXRrZUCHZMGAIkQFnoECAUQAO&url=https%3A%2F%2Fwww.e-publicacoes.uerj.br%2Findex.php%2Fneiba%2Farticle%2Fdownload%2F39095%2F28346&usg=AOvVaw13XssX7hTcBU6eznllpELA&opi=89978449>

[https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi1xJTUtLSGAXRrZUCHZMGAIkQFnoECCYQAO&url=http%3A%2F%2Ffunag.gov.br%2Floja%2Fdownload%2F1138-KOSSOVO\\_Provincia%2520ou%2520Pais.pdf&usg=AOvVaw30yAlag2Ddt4\\_ad44ADpnX&opi=89978449](https://www.google.com/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=&cad=rja&uact=8&ved=2ahUKEwi1xJTUtLSGAXRrZUCHZMGAIkQFnoECCYQAO&url=http%3A%2F%2Ffunag.gov.br%2Floja%2Fdownload%2F1138-KOSSOVO_Provincia%2520ou%2520Pais.pdf&usg=AOvVaw30yAlag2Ddt4_ad44ADpnX&opi=89978449)

<https://documents.un.org/doc/undoc/pro/n98/861/79/pdf/n9886179.pdf?token=k6hbQ0PDd86s5HVxik&fe=true>

<https://www.rferl.org/a/1342928.html>

[https://en-humanities.tau.ac.il/iranian/publications/irans\\_pulse/2008-10](https://en-humanities.tau.ac.il/iranian/publications/irans_pulse/2008-10)

<https://www.rferl.org/a/1090964.html>

<https://www.stimson.org/2023/iran-forges-an-unusual-alliance-in-the-balkans/>

<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/arab-world-iran-and-kosovo-crisis>

<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/iranian-attitudes-toward-kosovo-crisis>

<https://www.middleeastmonitor.com/20200904-serbia-kosovo-to-open-israel-embassies-in-jerusalem/>

<https://www.washingtoninstitute.org/policy-analysis/middle-eastern-reactions-kosovo-crisis-and-nato-airstrikes>

<https://www.bbc.com/news/av/world-europe-47673357>

<https://www.reuters.com/article/idUSTRE7470XI/>

<https://www.reuters.com/news/picture/the-kosovo-war-idJPRTXBQBD/>

<https://www.aljazeera.com/news/2012/5/14/nato-ignoring-civilian-deaths-in-libya>

<https://academic.oup.com/book/27404/chapter-abstract/197214753?redirectedFrom=fulltext>

<https://www.srbija.gov.rs/404.php>  
[https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/sa/sa\\_sep00chs01.html#:~:text=NATO%27s%20air%20operations%20against%20the,the%20sufferings%20of%20these%20refugees](https://ciaotest.cc.columbia.edu/olj/sa/sa_sep00chs01.html#:~:text=NATO%27s%20air%20operations%20against%20the,the%20sufferings%20of%20these%20refugees)

<https://thestrategybridge.org/the-bridge/2021/7/9/a-tantalizing-success-the-1999-kosovo-war>

<https://balkaninsight.com/2020/10/15/bosnia-presidency-fails-to-agree-on-recognition-of-kosovo/>

[https://web.archive.org/web/20110607045720/http://www.b92.net/eng/news/region-article.php?yyyy=2008&mm=08&dd=02&nav\\_id=52399](https://web.archive.org/web/20110607045720/http://www.b92.net/eng/news/region-article.php?yyyy=2008&mm=08&dd=02&nav_id=52399)

<https://www.oslobodjenje.ba>

<https://telegrafi.com/?id=2&a=9547>

<https://n1info.ba/english/news/serbian-pm-abstention-on-kosovo-membership-in-coe-not-in-the-interest-of-bih/>

<https://www.jstor.org/stable/43291974>

<https://www.cambridge.org/core/books/abs/victory-in-war/bosnia-and-kosovo-19921999/8528E91FB5BFC0C67E7EE27EE31D2566>

<https://www.nato.int/acad/fellow/99-01/cross.pdf>

<https://www.nato.int/docu/comm/1999/9912-hq/fs-ksv99.htm>

<https://www.wilsoncenter.org/article/bosnia-and-kosovo-lessons-for-us-policy>

<https://www.icty.org/en/about/what-former-yugoslavia/conflicts>

<https://newleftreview.org/issues/i235/articles/david-chandler-the-bosnian-protectorate-and-the-implications-for-kosovo.pdf>

<https://www.icrc.org/en/doc/resources/documents/article/other/57jqqb.htm>

<https://international-review.icrc.org/sites/default/files/S156077550007543Xa.pdf>

<https://library.fes.de/libalt/journals/swetsfulltext/5231777.pdf>

<https://dspace5.zcu.cz/bitstream/11025/16888/1/Lakatos.pdf>

<https://sapiencia.pucsp.br/bitstream/handle/27192/1/Beatriz%20Batistel%20Soares.pdf>

[http://english.hotnews.ro/stiri-top\\_news-2390491-president-basescu-says-romania-not-recognize-kosovo-independence.htm](http://english.hotnews.ro/stiri-top_news-2390491-president-basescu-says-romania-not-recognize-kosovo-independence.htm)

[http://www.csees.net/?page=news&news\\_id=70902&country\\_id=6](http://www.csees.net/?page=news&news_id=70902&country_id=6)

<https://www.dailysabah.com/world/europe/serbia-to-alter-foreign-policy-after-eu-kosovo-decision-vucich>  
[https://en.wikipedia.org/wiki/Romania%27s\\_reaction\\_to\\_the\\_2008\\_Kosovo\\_declaration\\_of\\_independence](https://en.wikipedia.org/wiki/Romania%27s_reaction_to_the_2008_Kosovo_declaration_of_independence)

[https://en.wikipedia.org/wiki/Romania-Serbia\\_relations](https://en.wikipedia.org/wiki/Romania-Serbia_relations)

<https://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1080/03071840801984615>

<https://www.washingtonpost.com/wp-srv/inatl/longterm/balkans/stories/russians062599.htm>

<https://www.mv.helsinki.fi/home/tforsber/Kosovo.pdf>

<https://jfcnaples.nato.int/kfor/media-center/archive/chronicles/chronicle-2022/february/finland-has-deployed-troops-to-kfor-since-1999>

<https://www.mv.helsinki.fi/home/tforsber/Kosovo.pdf>

<https://jfcnaples.nato.int/kfor/media-center/archive/chronicles/chronicle-2022/february/finland-has-deployed-troops-to-kfor-since-1999>

[https://en.wikipedia.org/wiki/Separatist\\_movements\\_of\\_India#Naxal-Maoist\\_insurgency](https://en.wikipedia.org/wiki/Separatist_movements_of_India#Naxal-Maoist_insurgency)

[https://ethmun.org/wp-content/uploads/2020/10/HS20\\_Study\\_Guide\\_India.pdf](https://ethmun.org/wp-content/uploads/2020/10/HS20_Study_Guide_India.pdf)

South East Europe Review, 02/1999, Pavlo Vrhovec -

The Kosovo Crisis - The Response in Slovenia -  
[https://www.jstor.org/stable/43291782?read-now=1&seq=1#page\\_scan\\_tab\\_contents](https://www.jstor.org/stable/43291782?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents)

<https://www.icty.org/en/about/what-former-yugoslavia/conflicts>

[https://web.archive.org/web/20190921201521/https://dt.ua/UKRAINE/ugenshtabi-pidrahuvali-kilkist-viyskovosluzhbovciv-uchasnikiv-mirotvorchih-misij-z-1992-roku-312736\\_.html](https://web.archive.org/web/20190921201521/https://dt.ua/UKRAINE/ugenshtabi-pidrahuvali-kilkist-viyskovosluzhbovciv-uchasnikiv-mirotvorchih-misij-z-1992-roku-312736_.html)

<https://www.azatutyun.am/a/1573082.html>



**Este material é para uso exclusivo dos participantes inscritos no evento mencionado, sendo vedada a sua reprodução total ou parcial, de forma onerosa ou gratuita, sob pena de prática de violação de direito autoral passível de medidas judiciais cabíveis.**